

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

RAFAEL VIEIRA SOARES

A BATALHA DO PULADOR E A APROPRIAÇÃO PELO  
TURISMO EM PASSO FUNDO

PORTO ALEGRE

2018

Rafael Vieira Soares

A BATALHA DO PULADOR E A APROPRIAÇÃO PELO TURISMO EM PASSO  
FUNDO

Monografia apresentada ao curso de História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó

Porto Alegre

2018

Rafael Vieira Soares

A BATALHA DO PULADOR E A APROPRIAÇÃO PELO TURISMO EM PASSO  
FUNDO

Monografia apresentada ao curso de História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como  
requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em  
História.

---

Luiz Alberto Grijó (orientador) – UFRGS

---

Alessander Mário Kerber – UFRGS

---

Eduardo Santos Neumann – UFRGS

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2018.

## AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer a todos, pois muitos fizeram parte desse processo, mesmo assim farei um esforço de lembrar-se daqueles que sempre torceram por mim e de alguma forma auxiliaram.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, pois essa formatura e esse trabalho fazem parte de um sonho que eles sonharam comigo. É difícil dizer para a família que não se quer fazer cursos como direito, medicina ou engenharia, ainda mais para seguir a carreira na docência, mas meus pais sempre apoiaram e defenderam esse meu sonho, transformando no sonho deles. Não posso deixar de agradecer meu pai por largar o trabalho e me levar a cidade de Passo Fundo por duas oportunidades. Entrando nos lugares que precisei ir para entrevistar, recolher material, tirar fotos e tudo mais.

Agradeço também a minha irmã Natalia que emprestou o notebook para escrever os trabalhos do fim de curso. Nesses últimos meses esse notebook foi mais meu do que teu, e o mais legal é que tu nem se importou. Agradeço também ao meu cunhado João que, apesar de ser cunhado e invadir minha casa todo fim de semana me ajudou imprimindo os textos e livros que precisei para o final do curso e principalmente para o TCC. Valeu pela ajuda.

Não posso deixar de agradecer aos meus avós Otávio e Benilda que em um momento bastante complicado que passei me auxiliaram e não permitiram parar os estudos.

Ao professor Grijó, grande orientador que desde o final do ano de 2017 já aceitou minha ideia de ser orientador nesse projeto. Obrigado pela paciência e pelos e-mails respondidos, alguns que mandei com bastante apreensão, mas sempre fui muito bem atendido e recebendo sempre respostas que me tranquilizavam.

Aos amigos Franciso e Marisângela do Núcleo de Pesquisa em História que nesse um ano me ajudaram a passar por esse momento complicado que enfrentei. Me acolheram e sempre que tinham oportunidade me chamavam para ser bolsista no núcleo. Obrigado pela amizade e pela ajuda.

Agradecer também a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que proporcionou uma estrutura de professores e de ensino muito acima da média para que me tornasse um grande profissional.

E por último, mas não menos importante meu agradecimento se estende aos entrevistados nesse trabalho. Só pude realizar esse trabalho com relatos orais por causa da disponibilidade de todos os entrevistados.

Obrigado ao patrão do Cavaleiros do Mercosul, Davis Souza que parou o que estava fazendo na sua empresa para atender ao meu pedido, inclusive me levando ao galpão do grupo em Passo Fundo e me disponibilizando material de divulgação.

A Aido Rodrigues que também parou seu trabalho pelo espaço de uma hora e meia para me atender em sua barbearia e compartilhar sua experiência de vida e de encenação.

A Paulo Monteiro que me recebeu prontamente quando liguei e mesmo no hospital abriu um espaço na sua agenda para que eu pudesse falar com ele.

A Jabs Paim Bandeira que também parou seu trabalho para poder me atender e conversar comigo. Cada um desses que citei foram importantes em alguma medida para que esse trabalho se realizasse. Obrigado a todos!

*O objeto de estudo da História é, por natureza, o Homem.  
(Marc Bloch)*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a questão da apropriação do turismo, suas relações identitárias e de memória no episódio ocorrido na cidade de Passo Fundo conhecido como batalha do Pulador. A partir de entrevistas, fontes e visitas ao município foi possível perceber que a utilização do evento histórico do Pulador pelo turismo local não se trata apenas de uma questão econômica, mas possui uma série de conceitos que atravessam essa memória construída sobre o evento. O turismo faz parte de uma educação para a formação da identidade da comunidade local, criando essa comunidade imaginada, segundo Benedict Anderson (2008) no município de Passo Fundo.

Palavras-chave: Batalha do Pulador, memória, identidade, representação, turismo, passofundense.

## ABSTRACT

The objective this monography is to discuss the appropriation of tourism, their identity and memory relations in the episode occurred in the city of Passo Fundo known as "Batalha do Pulador" (Pulador's Battle). By means of interviews, sources and visits to the city it was possible to perceive that the use of the historical event do not only a economic question, but it has a several concepts through this memory built on the event. Tourism is part of education for the formation of the identity of local community, creating this imagined community, according to Benedict Anderson (2008) in the city of Passo Fundo.

Keywords: Pulador's Battle, memory, identity, representation, tourism, passofundense.



## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1-cartaz de divulgação da encenação da batalha do Pulador de 2008.....	25
Figura 2 - reportagem da encenação da batalha do Pulador emoldurada. ....	26
Figura 3 - site da prefeitura de Passo Fundo informando sobre a história da batalha do Pulador (enaltecendo a importância dela). ....	28
Figura 4 - Marco atual no campo do Pulador .....	30
Figura 5 - placa interna do marco dos pica-paus no campo do Pulador.....	31
Figura 6 - placa na base do marco referente aos cem anos da batalha. ....	31
Figura 7 - corpo de enfermeiras da encenação. ....	46
Figura 8 - Quadro comemorativo da terceira encenação da batalha do Pulador. ....	47
Figura 9 - dvd da quinta encenação da batalha do Pulador .....	49
Figura 10 - site do camping Tropeiro Camponez. ....	53
Figura 11 - armas e equipamentos expostos no camping Tropeiro Camponez. ....	54

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 A REVOLUÇÃO FEDERALISTA.....	17
2.1 A BATALHA DO PULADOR.....	21
3 HISTÓRIA DA ENCENAÇÃO DA BATALHA .....	23
3. 1 OS MARCOS DA BATALHA DO PULADOR .....	28
3. 2 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO .....	32
3. 3 O PULADOR E A QUESTÃO IDENTITÁRIA.....	36
3. 4 GUMERCINDO SARAIVA: HEROI E MITO .....	39
4 A HISTÓRIA E A QUESTÃO DO TURISMO.....	42
4.1 O PULADOR E SUA UTILIZAÇÃO TURÍSTICA .....	45
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS .....	60
FONTES .....	62

## INTRODUÇÃO

No Rio Grande do Sul vemos um movimento tradicionalista muito forte em torno da revolução farroupilha. O enaltecimento dos heróis, das batalhas, dos valores e da bravura, tudo apropriado pelo movimento tradicionalista gaúcho (MTG) e transmitido através dos centros de tradições gaúchas (CTG's). O mês de setembro possui muitos eventos, desfiles, mateadas e encontros com estilo mais campeiro, ligado a esse passado. Por aqui no estado pouco se fala sobre a revolução federalista ou seus desdobramentos. Geralmente aparece na nossa história em um apêndice das revoltas pós-proclamação da república, muitos, inclusive, confundem-na com a própria farroupilha. Na cidade de Passo Fundo ocorre um movimento muito interessante de resgate da memória da revolução federalista. E não apenas da revolução em si como de uma batalha em particular, a do Pulador.

Ocorrida em 24 de junho de 1894, essa batalha entre o exército maragato e o exército pica-pau se deu no campo dos Mello no distrito do Pulador, localizado em Passo Fundo. Houve muitas mortes e perdas de tantos outros soldados por invalidez. Ambos os exércitos, maragatos e pica-paus, saíram com muitas dessas baixas, por isso se diz que foi uma “batalha sem vencidos nem vencedores”. A maior das consequências dela foi, segundo os escritores locais e o grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul, o enfraquecimento das forças federalistas com tais perdas culminando na derrota na revolução. Daí vem a importância dada pelos escritores e os Cavaleiros do Mercosul.

Atualmente o local está próximo de um sítio voltado ao turismo rural o Tropeiro Campones, o qual estive visitando. O local é muito requisitado por escolas locais e outros grupos para fazer um passeio fora da cidade, o turismo rural, e nesse passeio acabam conhecendo mais da história do confronto. Uma das partes do roteiro inclui a visita ao local e aos marcos da batalha que foram erguidos para iniciar a construção de uma “nova” memória do conflito (DA SILVA, 2013).

Além do camping existem as encenações da batalha do Pulador que ocorrem quase todos os anos no município. E desde 2005 o grupo Cavaleiros do Mercosul organiza e encena a batalha. Ano passado foi em Santo Augusto e em 2014 não pôde ser realizada por conta de falta de verbas. Muitas pessoas participam, há uma confraternização, algumas caravanas chegam ao local de cidades do norte do estado para acompanhar, enfim, é um

grande evento. Havia o apoio do poder público e a secretaria de cultura estava com os cavaleiros prestando auxílio, porém, com a realidade financeira precária do município, esse auxílio parou de acontecer e os cavaleiros tiveram de fazer tudo sozinhos, encontrando dificuldades para dar continuidade ao projeto.

Este trabalho tem como objetivo pensar na questão da apropriação que o turismo operou desse episódio histórico. A pergunta que permeia esse trabalho é: qual a importância para o turismo de Passo Fundo nos aspectos culturais, históricos e propriamente turísticos? E a outra é de que maneira a representação desse evento histórico está sendo utilizada pela comunidade passofundense? Claro que não pretendo esgotar as discussões apenas com essas poucas páginas, isso necessitaria de um estudo mais aprofundado e metucioso, necessitaria de mais tempo e um trabalho de campo maior. Porém, estudando artigos e livros a respeito não encontrei muito material sobre o episódio histórico do Pulador e menos ainda sobre a representação do Pulador para Passo Fundo. Os trabalhos existentes são de pessoas que fazem pesquisas na própria Universidade de Passo Fundo (UPF). Por isso pretendo auxiliar nos debates sobre a memória construída na cidade sobre a memória e a representação construídas a partir do evento histórico e a sua apropriação pelo turismo local.

Como o episódio do Pulador é muito importante para a cidade e a comunidade, decidi trabalhar com história oral. E, para tal, não poderia deixar de me utilizar de Maurice Halbwachs e seu clássico “A memória coletiva” (1990). Nessa obra um aspecto bastante importante que o autor trabalha é a presença de outras pessoas na hora em que se pensa algo historicamente. A batalha do Pulador para aqueles que entrevistei e para aqueles que escrevem sobre ela está muito clara. Eles não pensam “sozinhos”, existem “vozes do passado” a que recorrem quando falam do episódio.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque sempre temos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Mesmo aqueles que não conhecem de maneira tão próxima essa memória dizem “não conheço muito, mas sei que aqui em Passo Fundo teve uma batalha violenta e importante”. Essas falas que pude escutar, não dos entrevistados, mas no camping que fui e na casa em que fiquei hospedado, revelam que a memória é bastante construída em cima do que outros falaram. Mesmo não conhecendo a história a fundo, quando se fala em

batalha na cidade de Passo Fundo as pessoas evocam essas vozes que contam o evento. Elas estão na memória local.

Michael Pollack também dialoga com Halbwachs na questão da memória. Além de acrescentar pontos importantes. Para o autor “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (POLLACK, 1992, p. 4). Esse aspecto é fundamental quando se vai trabalhar com história oral. É necessário saber que estamos lidando com um campo que é bastante volátil e nesse processo muitos elementos são esquecidos. Não existe uma história sem seleção, sem recorte definido. “A memória é um fenômeno construído” (POLLACK, 1992, p. 4). A memória sobre a batalha do Pulador sofreu esses recortes, ela foi construída.

Elizabeth Jelin em seu livro “Los Trabajos de la memoria” (2002) também pensa a memória coletiva como um aspecto importante, e a própria questão da memória construída e recortada, como Pollack. No entanto, ela pensa que apesar de termos uma memória coletiva, existe o elemento individual. Há um contraponto a Halbwachs no sentido de pensar a memória coletiva como instituição importante, mas não monolítica da maneira que tem se trabalhado esse tema. A memória coletiva não exclui a memória mais individual (JELIN, 2002).

O texto de Roger Chartier “O mundo como representação” (1993) ajuda a pensar no conceito da representação que é muito relevante quando vai se estudar essas construções da memória que operam sobre eventos históricos. Nele o autor discute sobre a rerepresentação e as relações sociais envolvidas em torno de algum episódio ser resgatado do passado para ser revivido no presente. O autor trabalha o conceito de como rerepresentar algo, ou seja, nunca um evento é trazido a partir do que aconteceu ou do que ele realmente foi e sim a partir do presente, das relações dos grupos que estão envolvidos no processo de rerepresentação desse evento e como essas pessoas envolvidas querem representa-lo. O Pulador não é o que realmente aconteceu, bem como qualquer episódio histórico. Os escritores da cidade e os grupos tradicionalistas tratam a batalha como aquela que decidiu a revolução federalista, no entanto não encontramos em nenhum texto acadêmico ou livro de historiadores que conte sobre a batalha do Pulador. Esse fato já mostra que ela não foi “a” batalha, apenas mais uma batalha. Existe na representação uma tentativa de resgatar aquilo que faz mais sentido dentro da história.

Além desse conceito de representação, ele traz as relações dos leitores com aquilo que leem e o quanto isso influencia no processo de apreensão do conhecimento. “O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob formas impressas possivelmente diferentes – podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos.” (CHARTIER, 1993, p. 181). Passo Fundo tem muito desse processo de manipulação – não trago aqui no sentido negativo ou positivo – da história em torno da batalha do pulador, pois se apropriou de fontes e textos produzidos sobre o episódio e o reapresentou de uma maneira bem particular, ressignificando assim o passado para que fizesse sentido. A Academia Passofundense de Letras (APL) se coloca como umas das instâncias que pretendem “educar” através da produção dessa memória. Paulo Monteiro e Jabs Paim Bandeira como escritores que fazem parte desse rol de membros são dois exemplos. Ambos não são formados na área da história, mas o evento da batalha do Pulador é tão importante para eles que decidiram iniciar esse trabalho de construção da memória sobre o evento.

O texto de Camila Silva também se faz importante como apoio para se compreender a representação. Nesse trabalho a autora traz o conceito que está imbricado na questão farroupilha, o 20 de setembro, os “heróis”, os mitos construídos, no meu caso utilizarei como apoio para essa discussão de cunho mais teórico. Não pretendo me ater tanto no específico dos farrapos, mas sim de toda essa representatividade e construção feita pelas pessoas com relação a certos episódios e fatos históricos. Como a autora trabalhou dessa visão idealizada do gaúcho farroupilha para poder me apropriar de tais recursos - acrescentando outros mais particulares a batalha do Pulador em Passo Fundo - e pensar como a representação pode construir uma imagem de si e dos outros através de um evento histórico “memorializado”.

Essa batalha na cidade de Passo Fundo traz à tona questões como por exemplo o do herói, personificado na figura de Gumercindo Saraiva, o “Napoleão dos pampas”. O general que conseguiu por sua figura forte positivar um exército de homens comuns para uma jornada mítica de conquista e redenção (DA SILVA, 2013). Ideais como os de luta, de bravura, de masculinidade são muito evocados nessa memória construída. Para Ulpiano Bezerra de Meneses tais conceitos são atividades de produção.

Em primeiro lugar, identidade, memória e mito são atividades de produção, circulação e consumo de sentidos e valores. São basicamente atividades de ordem ideológica, canalizadas na formação e mobilização de autoimagem (e, em particular, no caso da identidade, também a imagem do outro). (MENESES, 1998, p. 50).

A identidade se constitui enquanto a visão que se tem de si e ao mesmo tempo com relação ao próximo. E nessa visão de identidade Sandra Pesavento dialoga com Ulpiano Meneses em seu texto “A invenção da sociedade gaúcha” (1993).

O processo é, ao mesmo tempo, pessoal e coletivo: cada indivíduo se define em relação a um “nós”, que, por sua vez, se diferencia dos “outros”. A definição de uma identidade própria forma, por assim dizer, uma base de coesão social, uma corrente de identificações e significados de compreensão mútua. Em suma, estabelecem-se semelhanças e diferenças entre “nós” e os “outros”. São sob essas perspectivas que se inserem as noções de nação e região, como comunidades políticas e culturais imaginárias que respondem a esta necessidade: a de fornecerem, a uma sociedade historicamente dada, a sua identidade. (PESAVENTO, 1993, p. 384).

Ao mesmo tempo em que a identidade serve para nos reconhecermos com relação ao grupo em que estamos inseridos, ela também reforça a diferença com relação a outros grupos ou comunidades. Os Cavaleiros do Mercosul e os escritores passofundenses criaram essa identidade carregada de supostos valores e ideais que para eles são muito importantes, com a intenção de que os habitantes de Passo Fundo se reconheçam nesse passado construído e se diferenciem das memórias de diferentes comunidades gaúchas. São Leopoldo reclama a identidade de ser a primeira cidade a receber os imigrantes alemães, Gramado de ser a “Europa” brasileira e Passo Fundo é a cidade na qual ocorreu a batalha que, supostamente, “decidiu” os rumos de uma revolução. Só citando alguns exemplos de como essa diferenciação opera dentro da identidade.

Pesavento dialoga com Benedict Anderson. Em “Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo” (2008), Anderson trabalha o conceito de nacionalidade como uma comunidade imaginada. “Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32). Tal conceito é muito importante para se entender não apenas os movimentos nacionalistas, mas também outros movimentos de construção de regionalismos, e que também não deixam de ser comunidades imaginadas. Existe uma comunidade construída e não existe isso sem a identidade. Benedict Anderson pensa tal conceito como algo que todos, mesmo que não se conheçam, sabem que existem outras pessoas na localidade na qual moram e são parte integrante daquela comunidade, por isso ela é imaginada. Para o autor a representação é mais importante que a realidade, bem como ocorre no caso de Passo Fundo com a batalha do Pulador. As pessoas não estão interessadas em discussões com historiografia e intelectuais acadêmicos, elas acreditam no

que lhes foi passado e representam isso sem se importar se é realidade ou não. As vezes até criticam esse tipo de história que desconstrói a memória (GRIJÓ, 2012).

Anne Marie-Thiesse em “Ficções criadoras: as identidades nacionais” (2002) acrescenta a ideia de *check-list* identitário, ou seja, existem itens a serem pensados e lembrados quando se cria uma nação e isso deve ser levado em consideração.

Atualmente, a lista de elementos que uma nação digna deste nome deve possuir está bem estabelecida: ancestrais fundadores, uma história que estabeleça a continuidade da nação através das vicissitudes da história, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais e históricos, lugares de memória, uma paisagem típica, um folclore, tudo isso sem contar algumas identificações pitorescas: modo de vestir, gastronomia, animal emblemático. [...] Esta *check-list* identitária é a matriz de todas as representações de uma nação. (THIESSE, 2002, p. 8-9).

No caso da batalha do Pulador em Passo Fundo o *check-list* identitário inclui a galeria dos heróis, o maior deles sendo Gumercindo Saraiva – como será trabalhado no segundo capítulo -, nos monumentos e lugares de memória existem os marcos da batalha que estão situados aonde ocorreu o combate e estes itens da *check-list* identitária construíram a representação no município em torno do Pulador (THIESSE, 2002).

Para melhor pensar nessas questões todas o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo está a revolução federalista, seu contexto e como subcapítulo a batalha do Pulador, para que se possa entender melhor o evento histórico em si. Através da análise de textos que falem sobre a história do Pulador e da revolução federalista procurarei entender como a história acadêmica trata essa revolução. Além desses textos serão analisados alguns trechos de jornais da época para compreender de melhor maneira a circulação das notícias naquele período sobre o evento, tendo os textos acadêmicos como apoio e procurar estabelecer uma relação entre essas duas formas de textos que tratam do período e a memória local. Não é comparar história com memória, mas é tentar analisar no discurso da memória construída em Passo Fundo aonde se “encontra”, por assim dizer, essa representação.

No segundo capítulo a história da encenação da batalha e dos marcos que estão no campo do Pulador. Os conceitos de representação e identidade como subcapítulos deste para se compreender melhor como o evento histórico é apropriado pela comunidade local e pelo grupo tradicionalista. Pois não se pode entender qualquer questão de turismo ou como existiu a apropriação deste sem entender memória, representação e identidade. E, por último, a história e ao turismo de maneira mais conceitual além da batalha do Pulador e sua utilização turística. Sempre reforçando a importância dos conceitos apreendidos



anteriormente para melhor compreender como ocorreu a apropriação da história pelo turismo. Qual a importância para o turismo de Passo Fundo nos aspectos culturais, históricos e propriamente turísticos? Esse capítulo se constitui para se responder a pergunta central do trabalho, enquanto os demais procuram responder a de que maneira a representação desse evento histórico está sendo utilizada pela comunidade passofundenses.

No terceiro capítulo constam as entrevistas realizadas com os membros participantes do grupo Cavaleiros do Mercosul e uma fala do proprietário do Tropeiro Camponez durante a visita que fiz no local em agosto desse ano. As entrevistas com os Cavaleiros do Mercosul são para poder me apropriar das questões mais práticas da criação das encenações, das ideias, objetivos e fazer uma análise comparando com a bibliografia disponível de como a memória, a representação e a identidade estão associadas com o turismo.

A entrevista com Paulo Monteiro é importante para compreender como ele, sendo um escritor referência no município sobre a batalha do Pulador escreveu seus livros. Fontes, bibliografias utilizadas, metodologia e motivação do trabalho.

A fala do dono do camping Tropeiro Camponez também se faz importante até porque seu estabelecimento é parte desse “roteiro” turístico histórico ligado a batalha do Pulador.

## **1 A REVOLUÇÃO FEDERALISTA**

A revolução federalista foi uma das revoltas mais violentas do período republicano. São vários os relatos de mortes e assassinatos tanto por parte das tropas republicano quanto por parte das tropas revolucionárias. A revolução também ficou marcada pela forma de se matar os adversários conhecida como degola. O inimigo era manietado e se ajoelhava perante o executor e este puxava sua cabeça para trás e passava a faca de orelha a orelha (PESAVENTO, 1983, p. 89). Vários foram os motivos para a revolta, o próprio contexto pós proclamação da república foi muito conturbado e dois partidos se destacavam no cenário político gaúcho os republicanos e os federalistas, e elas protagonizaram o confronto de 1893.

Após a proclamação da república em 1889 o Brasil passou por um período de muita instabilidade política. O presidente Deodoro da Fonseca sofreu várias contestações em seu governo e muitos foram os pedidos para sua renúncia. Em 1891 ele dissolve o congresso e a partir daí com mais força vieram essas contestações e no mês de dezembro do mesmo ano ele renuncia deixando o cargo a seu vice, Floriano Peixoto (PESAVENTO, 1983). No Rio Grande do Sul Júlio de Castilhos, presidente da província governava com muito autoritarismo e acumulava poderes executivo e legislativo, Segundo Luiz Alberto Grijó.

O texto constitucional, atribuído quase que exclusivamente à lavra de Júlio de Castilhos, era fortemente influenciado por ideias do filósofo francês Auguste Comte, por quem o líder do PRR, bem como outros membros do partido, nutria uma admiração explícita. (GRIJÓ, 2010, p. 165).

Castilhos era a favor de um federalismo que desse mais autonomia ao Estado frente à União, porém no seu governo agia com autoritarismo e perseguia os opositores.

O PRR postulava uma combinação entre federalismo e centralismo na mediação entre a política interna e as relações com o poder central. Frente à União, defendiam o federalismo radical e, no governo regional, adotavam o centralismo de feições autoritárias e positivistas. (PESAVENTO, 1983, p. 77).

Em 23 de novembro de 1891 Deodoro renunciou, mas antes, em 12 de novembro de 1891 Júlio de Castilhos havia renunciado forçado pelos opositores por ter prestado apoio ao presidente do país. Castilhos compreendeu bem a situação que estava acontecendo e o contexto que o cercava quando escreveu em sua defesa em 13 de novembro do mesmo ano.

Tal era o estado das coisas, quando apareceu a notícia de que havia sido dissolvido pelo presidente da república o congresso nacional. Compreendi imediatamente a imensa gravidade do acontecimento e previ com segurança as grandes dificuldades que iam surgir. Busquei haurir na minha reflexão, no meu patriotismo e no conselho prudente de amigos esclarecidos as inspirações que deviam me guiar. Estava em face de um evidente golpe de Estado. (CASTILHOS, 1891, p. 1).

Após a sua saída, Castilhos continuou atuando nos bastidores para retornar. Nesse ínterim quem governou foram os opositores do presidente da província, mas não eram os liberais e sim os dissidentes do PRR, como Assis Brasil e Barros Cassal (PESAVENTO, 1983). O período em que Castilhos esteve fora do governo recebeu o nome pejorativo de “governicho”, dado pelo próprio Castilhos. Os integrantes desse governo não conseguiram aproveitar a situação favorável com a saída do PRR do poder e não lograram permanecer, mas nesse mesmo período de governo ocorreram perseguições aos republicanos (PESAVENTO, 1983). Após o fim do “governicho”, Castilhos consegue dar um golpe e retornar ao poder em 1892 com o apoio de Floriano Peixoto, empossado presidente da república. O retorno do republicano ao governo também foi o retorno da constituição de

1891. Esse foi seu primeiro ato, o segundo foi abrir mão do governo e passar a seu partidário, Vitorino Monteiro que recebeu como tarefa reforçar a Brigada Militar e preparar a volta de Júlio ao poder (LOVE, 1975).

Como consequência do golpe e do reestabelecimento de Castilhos na presidência do Estado, vários federalistas foram demitidos do governo gerando muita revolta e um mal-estar dentro da própria estrutura do poder no Rio Grande do Sul. A partir daí aparecem vários relatos sobre assassinatos, mortes repentinas e já iniciaram algumas degolas. É necessário se ter em conta que “Quase todos os relatos sobre estes acontecimentos são tendenciosos – e exagerados.” (LOVE, 1975, p. 61). Mas também é importante ressaltar aquilo que Joseph Love coloca.

[...] tudo indica que ocorreram crimes violentos no segundo semestre de 1892 em quantidade maior que em qualquer período equivalente da república, não obstante o fato de, a partir do princípio, o regime haver testemunhado um alto índice de violência. (LOVE, 1975, P. 61).

As perseguições fizeram muitos do Partido Federalista se exilarem no Uruguai ou distantes da capital.

A volta da constituição positivista e centralizadora além das perseguições acabaram por levar os federalistas a entrarem em confronto com os republicanos, e, no dia dois de fevereiro os federalistas fizeram a primeira invasão e tentaram tomar a cidade de Bagé e assim se iniciou a revolução federalista (PESAVENTO, 1983). O jornal A Federação, do PRR, noticiou o acontecimento.

Acabamos de ver telegramas de Bagé e D. Pedrito, dando notícia de graves atentados cometidos por uma quadrilha federal contra a propriedade particular e a vida de cidadãos pacíficos. (...)

Refere um telegrama de Bagé:

No dia 2 do corrente mês, as 2 horas da tarde, um grupo de federais, em número de 20, passando a linha divisória para o Brasil, assaltaram a casa comercial do cidadão Graciliano Machado Pereira, na serrilhada, assassinaram o guarda aduaneiro João Roberto da Silveira, feriram com 4 tiros a José Machado Pereira e a um preto, e prenderam o alferes Gaspar Trindade, do 5º corpo provisório de D. Pedrito. (A FEDERAÇÃO, 1891, p. 2).

Esse tipo de notícia tem de se levar em conta que é do jornal do partido de Castilhos, desse modo existem alguns exageros, termos como “quadrilha federal” que cometeram um “grave atentado” contra “cidadãos pacíficos” dão esse tom de exagero. Embora a revolução tenha iniciado e terminado com muita violência, saques e mortes, tal notícia é bastante fiel ao que realmente ocorreu no assalto a Bagé pelos federalistas.

Os federalistas receberam dos republicanos a alcunha pejorativa de maragatos, a explicação mais aceita é que “Inúmeros gaúchos uruguaios, que acompanhavam seus senhores brasileiros nos assaltos iniciais ao Rio Grande, vinham de um departamento do Uruguai povoado por espanhóis oriundos de Maragataría.” (LOVE, 1975, p. 66), daí o associar os revoltosos a maragatos era desqualificá-los como invasores estrangeiros, porém a alcunha acabou sendo aceita pelos federalistas que passaram a se denominar maragatos. Os federalistas por sua vez colocaram nos republicanos a alcunha de pica-paus pelo uniforme azul e o quepe vermelho (PESAVENTO, 1983).

Os exércitos castilhistas contavam com muito mais recursos, sejam eles financeiros, políticos ou de efetivo militar. Sobre os exércitos republicanos e seus recursos Luiz Alberto Grijó pontua que:

Suas milícias eram incorporadas nas divisões organizadas também com tropas do exército e da Brigada Militar. (...) Possuíam também um domínio mais extensivo e permanente sobre o território, pelo que controlavam as linhas férreas, vias de navegação e os portos fluviais e marítimos mais importantes. (GRIJÓ, 2010, p. 166).

As tropas federalistas estavam em muita desvantagem desde o princípio do confronto, como escreveu Sandra Pesavento.

Desde o ponto de vista militar, as tropas rebeldes lutavam com precariedade de recursos, se comparadas com os republicanos. Afeitos às lides do campo e ao uso da montaria, seus piquetes eram dotados de grande mobilidade e atacavam de surpresa, a cavalo, portando lanças. (PESAVENTO, 1983, p. 86).

Grijó ainda acrescenta sobre a estratégia adotada pelos maragatos.

A estratégia que adotaram, depois de um enfrentamento direto com as forças governistas desastroso para eles na batalha do Inhanduí, foi o constante deslocamento das colunas que evitavam os combates diretos, acossando aqui e ali as posições e forças governistas. (GRIJÓ, 2010, p. 166).

Nesse confronto desigual ocorreram várias batalhas, muitas delas na região de Passo Fundo e arredores, e a mais emblemática, e segundo os tradicionalistas e escritores do município, decisiva, foi a do Pulador, ou do campo dos Mello. Nessa batalha que segundo a memória construída se decidiu a revolução a favor dos republicanos. Pois se os maragatos tivessem ganho o combate teriam mais forças para se reagrupar, arregimentar homens e seguir rumo a deposição de Castilhos. O fato é que seria bem difícil aos maragatos vencerem as tropas de Júlio de Castilhos que eram mais bem equipadas, com maior apoio político e mais recursos financeiros. A batalha do pulador foi mais um confronto de uma guerra que estava bem desfavorável para os interesses dos federalistas. Algumas batalhas foram vencidas pelos maragatos, porém com o custo de muitas vidas

(que para um exército reduzido com relação ao adversário já fazia uma grande diferença). Era assim que o exército castilhistas foi vencendo a guerra, pouco a pouco. Cada homem que caía dos pica-paus tinha uma rápida reposição, enquanto que as fileiras dos maragatos não contavam com esse efetivo numeroso e bem equipado. Além do mais, o presidente do estado tinha o apoio político e militar de Floriano Peixoto, presidente do Brasil.

Os confrontos chegaram a Santa Catarina e ao paraná e acabaram sendo vencidos pelas tropas castilhistas. O acordo de paz foi selado em 23 de agosto de 1895 pelos generais Inocêncio Galvão, comandante da região militar do Rio Grande do Sul e o general Joca Tavares dos federalistas que afirmava “[...] não ter se revoltado contra o governo federal, e sim contra o de Castilhos, apenas.” (LOVE, 1975, p. 76). Prudente de Moraes, após assumir a presidência no lugar de Floriano, teve como meta encerrar os conflitos.

## **1.2 A BATALHA DO PULADOR**

A referida batalha se deu no dia 27 de junho de 1894 em um território da cidade de Passo Fundo conhecido como pulador ou campo dos Mello. O episódio é tido como decisivo para a vitória dos republicanos após algumas batalhas nas quais os revoltosos haviam obtido êxito. O escritor Paulo Monteiro é um dos que tem esse pensamento e se propôs a escrever sobre o episódio como intelectual da cidade. Em seu livro ele pontua que:

Todos os historiadores concordam que a batalha do Pulador foi um dos mais sangrentos, se não o mais sangrento encontro armado durante a revoluo federalista ou a revoluo de 1893; concordam, ainda que, ali, praticamente se decidiu a sorte do movimento armado. (MONTEIRO, 2006, p. 65).

Muito do seu livro está baseado nos relatos do médico coronel das tropas federalistas ngelo Dourado “Voluntários do martírio” de 1896 e “A campanha do coronel Santos Filho” de Pedro Cavalheiro (2015). É importante colocar a visão desse escritor de Passo Fundo para ajudar a entender o ponto de vista de alguém que escreve com intuito de consolidar a memória do evento.

Os homens de Gumercindo Saraiva estavam acampados próximo e, segundo o relato de ngelo Dourado, sentiram que algum combate os estava esperando naquela manhã. A batalha se deu em campo aberto e uma das estratégias foi atear fogo no mato para confundir a visão do inimigo “Tendo chegado as forças, elle mandou deitar fogo n’um ponto para o inimigo não ver a manobra das nossas forças [...]” [Sic] (DOURADO, 1979,

p. 249), no entanto, não foi entendida a ordem, o fogo foi ateadado dos dois lados e acabou atrapalhando a visão dos próprios maragatos “[...] mas entenderam tão mal a ordem, que em vez de lançarem o fogo do lado direito da estrada somente, porque iam marchar as forças pelo lado esquerdo, lançaram em ambos os lados, de modo que em pouco, nem só o fogo como a fumaça nos encommodava.” [Sic] (DOURADO, 1979, p. 249). Após esse início confuso e bastante ruim para as tropas de Gumercindo, começaram os disparos por parte das tropas republicanas. Gumercindo e seus comandados traçavam um ataque de infantaria e cavalaria, sempre marchando contra os quadrados que o inimigo formara (DOURADO, 1979). A luta ficou renhida e segundo Dourado muitos de seus companheiros ficaram feridos e outros oficiais mortos por tiros. Após acabadas as munições e muitas baixas o terceiro quadrado dos republicanos se aproximou e o confronto se deu com armas brancas como adagas, sabres e até mesmo o corpo a corpo. Os soldados de Gumercindo eram melhor treinados em técnicas de guerrilha e com armas brancas, por isso lograram algum êxito na batalha, mesmo que não vencendo, mas conseguindo escapar sem serem perseguidos.

O jornal A Federação do PRR publicou no dia 30 de junho de 1894 uma notícia referente a batalha. A manchete dizia “A derrota de Gumercindo”.

Em que pese a incredulidade federalista, o seu grande cabo de guerra, o seu (...), guerrilheiro, lépido, invisível, inatacável, foi alcançado e batido em seis horas de renhido fogo!

(...) Está desbaratado, como se desprende dos telegramas que A Federação publicou ontem, cheios de uma nota vibrante e alegre da vitória dos nossos chefes.

Depois de perder muita gente, entre mortos e feridos, fugiu em debandada. Seria completamente exterminada sua maloca se a coluna republicana tivesse um resto de cavalaria regular para fazer a perseguição. (MOACYR, 1894, p. 1).

Além de dar o exército de Gumercindo como derrotado, os republicanos ainda descrevem a revolução como abafada por conta do último episódio.

Reduzido a grupos e desmoralizado por uma derrota fecunda em resultados para a consolidação da paz no estado, o aventureiro oriental ver-se-á dentro em breve na absoluta impossibilidade de continuar suas depredações e correrias audazes. Como mais de uma vez temos escrito, a revolução, propriamente dita, está abafada. (MOACYR, 1894, p. 1).

Toda essa batalha trouxe mortes para ambos os lados, porém o que mais sentiu foi o dos maragatos perdendo alguns oficiais importantes e outros soldados que ficaram inválidos. Os relatos posteriores são de amontoados de homens em carroças para receberem tratamento, vários morreram pelo caminho e outros não puderam mais retornar a guerra (DOURADO, 1979). Pouco mais de um mês depois Gumercindo Saraiva morreu

em Carovi, próximo de Santiago do Boqueirão, e seu exército foi perdendo força até ser derrotado pelas forças republicanas. A assinatura do tratado de paz foi apenas uma formalização da derrota imposta pelas forças republicanas. O jornal do PRR ainda sabedor da resistência dos federalistas “previu” que essa derrota aconteceria mais cedo ou mais tarde, restando focos de guerrilhas em pequenas regiões.

Guerrilhas, sim, partidas como em 35, perdurarão por algum tempo, com maior ou menor gravidade afetando certos municípios do interior, mesmo porque os males de uma guerra tal não se curam com a facilidade imaginada por alguns espíritos sôfregos. (MOACYR, 1894, p.1).

Os revoltosos não tinham muitos recursos, estavam sendo acossados pelas tropas de Castilhos e constantemente escapavam do confronto direto para ganhar tempo, suas armas eram ultrapassadas e seus soldados não eram tão bem treinados quanto os da tropa legalista. Ademais os republicanos tinham domínio sobre os recursos de logística (GRIJÓ, 2010). Na visão de muitos dos escritores do episódio na cidade de Passo Fundo, a batalha do Pulador custou a guerra, ou seja, se não fosse essa grande perda de soldados o resultado da revolução seria a vitória dos federalistas. O que pode ser percebido a partir de todas essas informações a respeito da revolução federalista como um todo, é que a vitória das tropas de Júlio de Castilhos era questão de tempo, como o próprio partido noticiava no seu jornal de que mesmo não sendo fácil ainda sim sairia vitorioso da guerra. O episódio do Pulador foi apenas mais uma batalha para a “conta” da resistência. A derrota dos soldados de Gumercindo era inevitável por todo o contexto que se apresentava. E, como já foi colocado anteriormente, Castilhos tinha a seu dispor a ajuda de Floriano Peixoto, então, o exército maragato estava apenas “adiando” o fim da revolução.

Desse modo, estudar a história da representação da batalha do Pulador para a cidade de Passo Fundo é importante, pois os passofundenses mais tradicionalistas acreditam que se não fosse o resultado de tantas baixas nas fileiras dos maragatos na batalha, provavelmente teríamos hoje uma república parlamentarista e federalista. Como se vê pelas bibliografias acadêmicas e notícias do período, tal tese não se sustenta, porém, a memória não possui lógica científica na formulação das suas “teses”. Precisa apenas ser um relato comunicável com um mínimo de coerência (JELIN, 2002, p. 27, tradução nossa).

## **2 HISTÓRIA DA ENCENAÇÃO DA BATALHA**

A batalha do Pulador, ou batalha do campo dos Mello, é encenada anualmente pelo grupo de tradicionalistas Cavaleiros do Mercosul. Iniciou-se no final da década de 80, segundo Ernani da Silva.

Em 1988, a secretaria municipal de educação da prefeitura de Passo Fundo, por intermédio de seu secretário municipal Dorlei Carlos Spessatto, promoveu a reconstituição da batalha do pulador, por eles também denominada “batalha do campo dos Mello”. A reconstituição foi realizada no distrito do Pulador, em Passo Fundo, no dia 15 de Maio de 1988. (DA SILVA, 2013, p. 93).

A cidade de Passo Fundo acabou incorporando ao seu calendário as encenações da batalha do Pulador por entender que foi um episódio de importância histórica para o Brasil. O evento tem entre seus objetivos exaltar o heroísmo e os ideais de bravura daqueles que participaram, tanto maragatos quanto pica-paus, sem querer levantar qualquer bandeira política que seja (DA SILVA, 2013).

O evento de encenação da batalha se deu em 1988 e depois teve um hiato de quase vinte anos (DA SILVA, 2013). Porém, no ano de 2005 o grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul decidiu retomar as atividades de encenação, já antecipando os festejos de 150 anos de emancipação do município de Passo Fundo (RIBAS, 2007). Segundo escreveu João Vicente Ribas em sua dissertação.

A I encenação da batalha do Pulador da revolução federalista de 1893 foi promovida pelo grupo cultural e tradicionalista Cavaleiros do Mercosul, junto à brigada militar, no dia 07 de agosto de 2005, no distrito do Pulador, em Passo Fundo. De acordo com números do grupo, mais de cinco mil pessoas assistiram ao espetáculo, protagonizado por tradicionalistas e atores amadores. No ano seguinte, nova edição, em 25 e 27 de junho. (RIBAS, 2007, p. 87).

Os bons números da primeira edição em 2005 renderam mais edições do evento nos anos posteriores, com auxílio da secretaria de cultura e da Fundação Passo Fundo de Turismo (PASSOTUR). Ainda segundo Ribas, a segunda edição do evento contou com vários participantes, além dos espectadores. Foram 200 cavalos e 400 figurantes para esse novo evento (RIBAS, 2007, p. 88). Teve cobertura da imprensa local e da Rede Brasil Sul de televisão (RBS TV). Jabs Paim Bandeira, idealizador e organizador da encenação de 2005, teve como intenção resgatar valores heroicos e morais que, segundo ele, tem se perdido (RIBAS, 2007). Outra das intenções dos idealizadores do evento e da própria secretaria de cultura também é de fomentar o turismo no município (DA SILVA, 2013).

Na 5ª encenação da batalha do Pulador, além de um público mantendo a média dos anos anteriores, ainda contou com vários apoios. Prefeitura, brigada militar, a 7ª região

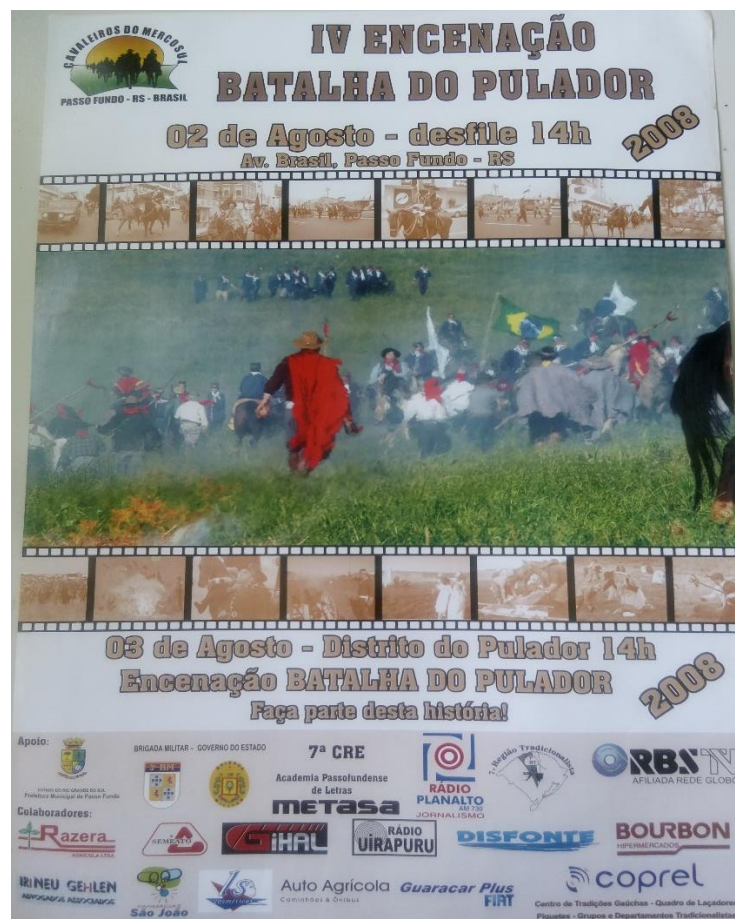


tradicionalista, a APL e a RBS TV. Houve uma ampla divulgação, inclusive com a confecção de DVD's.

É, realmente o número de pessoas (que vão a encenação) é grande. Teve uma época que a brigada militar partilhou conosco enviando homens, cavalos, oficiais, os coronéis e os comandantes deles. Então a coisa ficou mais... bem dizer a título é essa quinta encenação aí. Se você tem a quinta encenação (o DVD da quinta encenação) então tu vai ver [...].<sup>1</sup>

Eles guardam os cartazes de divulgação e eu tirei uma foto para colocar aqui e mostrar o tamanho que essa edição do evento teve, o número de apoiadores, de patrocinadores e a RBS TV ajudando a divulgar.

Figura 1-cartaz de divulgação da encenação da batalha do Pulador de 2008.



Fonte: Acervo dos Cavaleiros do Mercosul.

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

Essa edição foi importante e contou com uma maior organização, tanto que apareceu na Zero Hora do dia 4 de agosto daquele ano de 2008. Mostrou fotos da cavalgada desde a avenida Brasil até o local da batalha - movimento que tentou reproduzir o dos combatentes de 1894. Aido Rodrigues guardou a notícia e emoldurou em um quadro que expôs na parede do seu estabelecimento, mostrando a importância que ele dá ao evento.

Figura 2 - reportagem da encenação da batalha do Pulador emoldurada.



Fonte: Acervo pessoal de Aido Vieira Rodrigues.

Apesar de ser bastante recente, a encenação ganhou muita importância no município de Passo Fundo. Existe no site da prefeitura uma parte destinada ao evento batalha do Pulador que conta com fotos e um pequeno texto sobre a história da guerra e da

batalha em si<sup>2</sup>. A secretaria de cultura juntamente com a prefeitura auxiliava os cavaleiros na divulgação e promoção do evento, mas nos últimos anos o grupo tradicionalista acabou tendo de realiza-lo de maneira mais individual e sem tanto apoio, inclusive realizando em outros lugares, pela situação financeira precária que vem vivendo a grande parte dos municípios do Rio Grande do Sul. Ano passado, 2017, a encenação teve de ser feita no município de Santo Augusto, e em 2014 não pôde ser encenada por falta de dinheiro. Jabs Paim Bandeira acrescentou esse detalhe, lastimando a ausência de ajuda por parte do poder público “E aí foi indo e acho que hoje estamos na sétima encenação, mas nós precisávamos de ajuda, sempre recebemos ajuda da prefeitura e a prefeitura deixou de nos ajudar e nós paramos de fazer essa encenação.” (relato oral).<sup>3</sup>

Aido Rodrigues contou também sobre o fato de não terem conseguido realizar a edição de 2017 em Passo Fundo.

[...] essa o ano passado e o atrasado nós não fizemos aqui, nós tivemos que fazer lá em Santo Augusto porque o prefeito de Santo Augusto levou lá pra Santo Augusto a batalha do Pulador porque o prefeito daqui não abriu a mão. O apoio para nós não existiu nessa gestão. A gente até entende que o país vive com essas dificuldades financeiras e que tem que priorizar as verbas. Não tem problema! Não deu aqui levaram nós pra lá [...].<sup>4</sup>

Esses relatos mostram como o poder público deixou de lado o apoio aos Cavaleiros do Mercosul na realização das encenações. Nas primeiras edições ainda se vivia um período com maior disponibilidade de recursos, porém a realidade financeira mudou e o apoio que a secretaria de turismo juntamente com a prefeitura de Passo Fundo e a PASSOTUR davam teve de ser interrompido, fazendo com que nos últimos anos houvesse esses problemas para a continuidade do projeto.

---

<sup>2</sup> Site da prefeitura de Passo Fundo informando sobre a história da batalha do Pulador. Fonte: Prefeitura de Passo Fundo (2017). SECRETARIA DE CULTURA. Batalha do Pulador – História e encenação. 2017. Disponível em: <<http://www.passofundo.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=839> >. Acesso em: 8 nov. 2018.

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

Figura 3 - site da prefeitura de Passo Fundo informando sobre a história da batalha do Pulador (enaltecendo a importância dela).



Fonte: Prefeitura de Passo Fundo (2017)

SECRETARIA DE CULTURA. *Batalha do Pulador – História e encenação*. 2017. Disponível em:

<<http://www.passofundo.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=839> >. Acesso em: 8 nov. 2018.

## 2. 1 OS MARCOS DA BATALHA DO PULADOR

O distrito do Pulador também conta com os marcos da batalha. Na parte da subida do campo está o dos republicanos e mais abaixo o dos maragatos. Ambos foram feitos no mesmo ano, mas em dias diferentes, um no dia 23 de fevereiro e outro no dia 24 de fevereiro, pois ainda existia um certo ressentimento por conta do episódio. Os primeiros foram feitos em 1900 contendo no interior jornais com notícias da época e documentos abaixo da sua base. Em 15 de maio de 1988 o poder público de Passo Fundo decidiu remover os marcos antigos e construir novos no lugar desses (DA SILVA, 2013).

No trabalho de Ernani da Silva aparece o destaque que a maçonaria teve na construção desses marcos no campo do Pulador. “Seguiram-se, após, a inauguração do segundo monumento e o descerramento da placa alusiva, com os discursos dos grã-mestres maçônicos do Uruguai, da Argentina, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.” (DA SILVA, 2013, p. 96). Os novos marcos serviram para iniciar um novo momento para a memória desse episódio histórico, pois a cidade se dividiu muito por conta da batalha. Famílias brigaram e uma espécie de “pacto” de silêncio foi selada entre aqueles que fizeram parte desse episódio, segundo Paulo Monteiro relatou em entrevista.

Então, o que houve aqui em Passo Fundo foi um pacto. Houve um pacto, nós sabemos disso, mas não há documentos, houve um pacto pra silenciar isso daqui porque foi matança muito grande. Evidente que do lado dos republicanos, principalmente, que fizeram a política de terra arrasada, sobrou aí a família Annes, que além do Gervásio Annes, do filho, do neto, teve o bisneto dele. A família Salton, são descendentes dos Annes e que durante cem anos mais ou menos, monopolizaram a política em Passo Fundo. Ou você estava do lado dos Annes, do lado do Partido Republicano Riograndense e depois, do lado do PTB, ou você estava contra os Annes. E isso aconteceu aqui, e aconteceu em todas as partes do Rio Grande do Sul e, provavelmente, no Brasil.<sup>5</sup>

Existiu uma divisão no município, um ressentimento por conta do que aconteceu, por isso o pacto referido por Paulo Monteiro. Não existe nenhum documento ou fato que comprove esse pacto, porém o relato do escritor passofundense é importante para compreender a sua visão referente a esse aspecto.

Ernani da Silva não falou de nenhum pacto, mas sobre uma memória ressentida referente a batalha do Pulador na cidade que pretendia ser “transformada” a partir da colocação dos novos marcos.

Com a remoção dos antigos marcos e a construção de novos, agora mediados pelo poder público e pelas entidades civis, reconstruindo a história de modo educativo, o limbo do tempo e a anistia pacificadora selam, de modo simbólico, por fim, as mágoas e os ressentimentos que ainda estavam, de certo modo, encobertos pela memória ressentida. (DA SILVA, 2013, p. 143).

O autor trabalha a construção dos novos marcos como a reconstrução da história de modo educativo, porém é necessário pensar como a reconstrução da memória apenas. Isso é o chamado apagamento voluntário, ou seja, se retira da memória aquilo que não se quer lembrar (JELIN, 202). No caso da batalha do Pulador, seriam as perdas de vidas e divisões que causaram na cidade.

Os marcos da batalha, portanto, sendo inaugurados nesse ano de 1988 deram início a construção de uma nova memória sobre o Pulador. Não mais o ressentimento e a dor a

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao autor por Paulo Monteiro em 14 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

marcariam, mas a lembrança teria de acontecer para que não se repetisse. Houve uma ruptura a partir dessa inauguração dos marcos novos no campo do Pulador. Eles foram erguidos para que se pusesse um ponto final naquela memória triste e rancorosa para dar lugar a uma memória que pudesse trazer “esperança de dias melhores” para o povo passofundense.

A data de 15 de maio de 1988, quando o poder público municipal inaugura os novos marcos no campo do Pulador, ocasião em que se dá a primeira encenação da batalha do Pulador, atua como momento de ruptura, de ressignificação da memória ressentida, abrindo caminho para que a história seja utilizada como forma de integração, de pacificação, e de consolidação da anistia, para que a comunidade pudesse seguir em frente. (DA SILVA, 2013, p. 143).

Os marcos inaugurados em 1988 serviram para apagar uma memória que suscitava divisão e ressentimentos (DA SILVA, 2013) para construir uma nova memória, desse modo. Os monumentos serviram para colocar um fim em todos os sentimentos negativos que cercavam o episódio no município de Passo Fundo.

Figura 4 - Marco atual no campo do Pulador



Fonte: acervo pessoal do autor.

Os atuais marcos que estão no campo do Pulador contam com uma placa interna grande contendo o nome do exército que representa e os símbolos da maçonaria. Está



escrito nessa placa “Grande batalha de 24 de junho de 1894. Posição forças do (e o nome referente ao exército do governo ou revolucionário, desse modo mesmo)”, contém uma grande cruz ao lado do escrito e em menor tamanho um símbolo da maçonaria. O compasso e o esquadro estão de cabeça para baixo, pois irmãos de maçonaria brigaram na revolução federalista e na batalha do Pulador e por isso está invertido.

Figura 5 - placa interna do marco dos pica-paus no campo do Pulador.



Fonte: acervo pessoal do autor.

A prefeitura acrescentou em 1994 novas placas alusivas ao centenário da batalha. Contando com a participação da Universidade de Passo Fundo (UPF) e ainda colocando a comunidade entre os que ajudaram. Para lembrar os “dias tristes” daquele 27 de junho de 1894. Novamente o poder público atuou se utilizando dos marcos para colocar uma pedra sobre essa história que foi tão traumática para várias famílias da cidade de Passo Fundo. Por isso a inscrição “dias tristes” está na placa.

Figura 6 - placa na base do marco referente aos cem anos da batalha.



Fonte: acervo pessoal do autor.

## 2. 2 MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

A criação de uma identidade própria de representação social envolve o resgate de uma história oficial, de um passado comum e de um mito das origens. Estes são todos processos que passam pela elaboração de uma memória coletiva que tem se demonstrado, sabidamente, ser infiel ao passado, mas que, nem por isso, deixa de se apresentar a uma comunidade como autêntica. (PESAVENTO, 1993, p. 385)

A batalha do Pulador e toda a memória que a envolve fazem parte do que Sandra Pesavento colocou como sendo “infiéis” ao passado. No entanto, nenhuma representação ou memória se pretende ser fiel, apenas fazer sentido a uma comunidade ou grupo social. Esses resgates históricos feitos por grupos sociais são importantes para criar sentido aos que fazem parte dele. Como Michael Pollack (1992) escreveu que a memória é seletiva. A memória seleciona dados que mais lhe fazem sentido e os coloca como sendo tão reais que aqueles que a recebem tendem a pensar que são mesmo.

O acontecimento rememorado ou memorável será expressado em uma forma narrativa, convertendo-se na maneira em que o sujeito constrói um sentido sobre o passado, uma memória que se expressa em um relato comunicável, com um mínimo de coerência. (JELIN, 2002, p. 27, tradução nossa).

Segundo Elizabeth Jelin, a memória não deve ser pensada como algo que faça sentido na história formal, mas precisa de recortes, seleção, esquecimentos e coerência. Ela precisa fazer sentido aqueles que fazem parte da comunidade local. Sem estes elementos não existe memória.

Todos os que assistem as encenações da batalha do Pulador ou leem sobre essa história da cidade de Passo Fundo podem até não saber, mas estão recebendo uma espécie de herança cultural. A memória produzida pelos escritores locais, os Cavaleiros do Mercosul e a universidade local é essa a herança.



É perfeitamente possível que, por meio de socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLACK, 1992, p. 2)

Dialogando com Pollack, Elizabeth Jelin acrescenta que a memória não tem a pretensão de guardar tudo, de reter informações totais. Ela apenas seleciona e faz recortes de acordo com as conveniências.

Toda narrativa do passado implica em uma seleção. A memória é seletiva; a memória total é impossível. Isto implica em um primeiro tipo de esquecimento “necessário” para a sobrevivência e o funcionamento do sujeito enquanto indivíduo e dos grupos e comunidade. Porém não existe um único tipo de esquecimento, e sim uma multiplicidade de situações nas quais se manifestam esquecimentos e silêncios, com diversos “usos” e sentidos. (JELIN, 2002, p. 29, tradução nossa)

Tais recortes servem para reforçar a identidade e dar sentido a essas comunidades (JELIN, 2002). Os valores heroicos, o grande general que conseguiu vencer exércitos inteiros com valentia e destreza, como no caso da narrativa construída em cima de Gumercindo Saraiva, o povo que não se rendeu ao despotismo do governante, entre outros valores que estão nesse evento histórico são lembrados e recortados para serem comunicados ao grupo. O episódio histórico da batalha não foi resgatado para se ensinar o que realmente aconteceu ou mostrar as gerações atuais de maneira acadêmica o que houve, e sim reapresentar, trazer para a atualidade uma versão do que ocorreu sem muito compromisso com a história produzida pelos historiadores (CHARTIER, 1993). A memória do Pulador serviu para criar essa comunidade imaginada em Passo Fundo, para criar uma tradição, como no caso das identidades nacionais (ANDERSON, 2008).

Todo esse movimento identitário é bem datado. Ele aconteceu a partir das comemorações dos 150 anos do município. O próprio Paulo Monteiro no início do seu livro escreveu que o fez em comemoração à data.

E é, em homenagem aos cento e cinquenta anos de emancipação político-administrativa de minha terra-natal, que transcorrerá no dia 28 de janeiro de 2007, e ao sesquicentenário da instalação da câmara municipal de Passo Fundo, a comemorar-se no 7 de agosto próximo, que público esse volume intitulado Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo. (MONTEIRO, 2006, p. 13).

Um consenso que há entre aqueles que fazem parte do projeto da encenação do Pulador e os escritores locais é de que essa batalha foi decisiva, e, que se não fosse o resultado com desfecho negativo para os federalistas, hoje não teríamos uma república presidencialista e sim parlamentarista e federalista. Sobre o tema algumas pessoas têm se imbuído nesse objetivo de consolidar a memória do evento, para que não se esqueça, como o secretário de cultura de Passo Fundo disse em entrevista quando da inauguração em 1988

da encenação (DA SILVA, 2013). Entre eles Welci Nascimento com o seu livro “Maragatos e pica-paus: porque brigam tanto” (1993), Jabs Paim Bandeira com “Batalha do Pulador: história e encenação” (2006) e o próprio Paulo Monteiro com “Combates da revolução federalista em Passo Fundo” (2006).

Em entrevista Paulo Monteiro relatou o que utilizou para escrever o livro e como foi o processo.

Fui indo pelas fontes, pela história oral e pela história propriamente dita. Pela história, no geral. Muitas informações orais. Eu sempre gostei de ouvir os mais velhos, porque a história, a história tradicional, digamos assim, né, ela tem o condão de se tornar uma história oficial. E muitas verdades não são registradas, especialmente os casos das guerras sujas, das guerras civis. Muitas verdades sobre a revolução federalista, sobre a revolução de 23, né, sobre todas essas chamadas revoluções, e, agora mesmo sobre essa tal de “revolução de 64” não foram registradas. Então você pega pela história oral.<sup>6</sup>

Jabs Paim Bandeira contou que quando teve a ideia de escrever sobre o episódio histórico a partir do momento em que assistiu a uma palestra na cidade de Carazinho e recolheu o maior número possível de livros sobre isso. Para ele é muito importante relembrar essa história e repassá-la aos habitantes passofundenses para que saibam ter existido na cidade um acontecimento tão relevante para o Brasil.

Então fizemos um marco, escrevi esse livro aí “Batalha do Pulador: história e encenação”, infelizmente tá esgotado, mas demos nossa contribuição para esse resgate histórico que tá sendo estudado após isso. Houve outras obras aí falando da revolução, como o do Monteiro e outros que também fizeram assim, escreveram sobre o assunto e artigos em jornais, enfim, nós buscamos e levantamos essa situação para aquelas pessoas que nem conheciam, não tinham a menor ideia sobre essa batalha do Pulador, da importância que ela tem aqui em Passo Fundo, 10 km daqui. E nós, tendo essa joia histórica, essa situação aqui.<sup>7</sup>

Para Jabs Paim era necessário escrever sobre o que aconteceu para contribuir com a memória pela relevância que ele vê existir do episódio histórico.

E no Brasil, e também uma das mais importantes da América do Sul, ou da América. Porque ela, em número de mortos, que foram mil cento e poucos mortos nessa batalha. E, então, ela adquiriu uma importância muito grande. E não houve o resgate dessa epopeia da revolução federalista de 1893 que aconteceu em 27 de junho de 1894 em Passo Fundo no distrito do Pulador. Não existe uma obra sobre a batalha especificamente, a não ser a nossa obra que está esgotada que é essa aqui “Batalha do pulador: história e encenação”.<sup>8</sup>

<sup>6</sup>Entrevista concedida ao autor por Paulo Monteiro em 14 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS

<sup>7</sup>Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS

<sup>8</sup>Idem.

Em vários momentos da entrevista ele citou a falta de estudos que se tem, inclusive nas escolas. E a relação com a memória do evento é tão forte que ele chega a dizer ser mais importante que a revolução farroupilha.

E nós não estudamos, eu não estudei essa batalha, nem essa revolução federalista na minha época do colégio, não tive essa matéria, só a revolução farroupilha que, pra mim, a mais intensa foi a batalha federalista, porque, os rio-grandenses foram até Laguna e Santa Catarina. E os federalistas tomaram parte do Rio Grande, parte do Florianópolis, que na época chamava-se Desterro, tomaram Curitiba, tomaram o Paraná. Quer dizer, pra mim, foi mais intensa e de importância muito grande. Não que a revolução farroupilha não tivesse, foram dez anos de luta, essa aí teve quase dois anos praticamente essa nossa revolução federalista, mas aí nós não aprendemos no colégio [...].<sup>9</sup>

Jabs Paim e Paulo Monteiro quando decidiram escrever sobre essa batalha o fizeram por julgar ser importante, além de consolidar a memória do evento, para que não fosse esquecido, tamanha é a relevância para eles essa história. Eles a recortaram, selecionaram e criaram uma representação. As encenações do combate e os eventos na cidade em torno da batalha do Pulador divulgam essa representação para o público desse passado que parecia tão distante e sem sentido. Reapresentam a história (CHARTIER, 1993).

Os livros escritos por esses dois autores servem também para além da consolidação da memória local inculcar nesse público local o entendimento que eles têm sobre a batalha. Ambos autores se apropriaram de fontes e bibliografias relacionadas ao combate e criaram sua representação sobre o que ocorreu, bem como Chartier explicou que “ [...] um mesmo texto sob formas infinitas pode ser manipulado e aprendido de maneira ampla e irrestrita” (CHARTIER, 1993, p. 181). Como foi analisado no primeiro capítulo, não existem relatos sobre a batalha do Pulador nas bibliografias e textos acadêmicos, nem dando ênfase a nenhum confronto, apenas o assalto a Bagé que iniciou a revolução. Fora esse episódio não se tem maiores informações referentes ao Pulador. A representação que deu tal importância ao combate foi dada posteriormente por esses escritores e o grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul. Eles leram as obras que falam sobre o episódio histórico e manipularam, tal qual Chartier colocou (CHARTIER, 1993).

Em vários momentos memória, representação e identidade se confundem quando estudamos esses movimentos de reapresentação do passado. Segundo Camila Silva.

---

<sup>9</sup> Idem.

A memória – enquanto diálogo de um determinado presente com o passado -, exerce papel fundamental na construção identitária de um grupo na medida em que assegura sua continuidade no tempo histórico. Atualizando o passado, o presente tem condições de conhecer (e reconhecer) a si próprio no tempo, de situar-se nele e de projetar-se no futuro, ou até antecipá-lo. (SILVA, 2012, p. 18).

Em certa medida identidade, memória e representação se confundem porque um depende do outro. Não tem como um povo ou comunidade criar uma representação do passado sem a memória. É desse modo que se dá o diálogo de um determinado presente com o passado (SILVA, 2012).

### **2. 3 O PULADOR E A QUESTÃO IDENTITÁRIA**

A batalha do Pulador não é apenas mais um evento no calendário da cidade, é por assim dizer um evento de reafirmação de identidade de Passo Fundo. Em sua dissertação, João Vicente Ribas trouxe o depoimento de apoiadores do projeto “Encenação da batalha do Pulador”.

O advogado Irineu Gehlen escreveu que “a Encenação da Batalha do Pulador, além de realizar um resgate histórico da Revolução Federalista, também proporcionou um momento de profunda reflexão no sentimento popular”. E Daltro Wesp, da Fundação Cultural Planalto, inteirou que “a Batalha do Pulador não deve nos entristecer, mas sim, servir de referencial histórico para que recuperemos o ânimo de lutar por ideais, colocando o espírito à frente da matéria. (RIBAS, 2007, P. 87).

Esses depoimentos trazem em si um certo ufanismo regionalista quanto ao evento, tanto o histórico quanto o da representação da batalha. O Rio Grande do Sul todo mês de setembro, por exemplo, tem seu “encontro” com o passado, com as raízes, como os tradicionalistas costumam falar. São pessoas pilchadas nos piquetes, tomando seu mate ao lado de um fogo de chão assando uma costela ou um animal inteiro na “vala”. Mulheres de prenda, homens de gaúcho, exaltando a suposta força e a valentia do povo do Sul (SILVA, 2012). Em Passo Fundo vemos esse movimento de reafirmação identitária e de culto as tradições em torno do episódio do Pulador. Sandra Pesavento explica esse processo de ressignificação e representação do passado.

Esse é, por assim dizer, um processo constituído historicamente: o da elaboração, em cada sociedade, de um sistema de ideias-imagens de representação coletiva. A isso dá-se o nome de imaginário social, através do qual as sociedades definem a sua identidade e atribuem sentido e significado às práticas sociais. (PESAVENTO, 1993, p. 383).

No vinte de setembro e no caso de Passo Fundo vemos esse processo de elaboração do imaginário social muito claramente, no qual o evento do Pulador, mais especificamente para Passo Fundo, é ressignificado para criar um sentido e definir uma identidade para a história do município e da sociedade passofundense. O discurso de luta pelos ideais, de bravura e coragem está muito presente, e esse resgate histórico produz práticas sociais efetivas, segundo Sandra Pesavento (1993). Não apenas na criação do evento em si, mas de toda a mística e discurso identitário que carrega no seu escopo.

A batalha do Pulador tornou-se um grande evento de reafirmação de identidade, resgatando os supostos “valores” de heroísmo, bravura e coragem. Não se pretende exaltar maragatos ou pica-paus, e sim construir um discurso para se olhar esse passado com certa esperança. Encontrar nesses homens que lutaram inspiração para fazer o mesmo no seu dia a dia.

A formação das identidades nacionais, além disso, não consiste unicamente na elaboração de novas referências coletivas: ela está acompanhada de um gigantesco trabalho pedagógico para que parcelas cada vez maiores da população as conheçam e nelas se reconheçam. (THIESE, 2001, p. 8).

Nesse sentido a encenação da batalha e os livros escritos no município por acadêmicos e tradicionalistas pretendem ter esse papel “pedagógico” referido por Anne-Marie Thiesse, inculcando nos habitantes locais essa memória. Ajudando a fazer a população local se reconhecer nesse passado construído e representado.

Escritores como Welci Nascimento, Paulo Monteiro e o idealizador da encenação do pulador Jabs Paim são os principais difusores dessa memória. Existem ainda instâncias que ajudam a divulgar mais a memória como a Academia Passofundense de Letras, o próprio grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (MÜLLER, 2011).

O caso da APL é bem peculiar, pois esse ano completa 80 anos e tem vários membros. Entre eles, dois escritores que falam sobre a batalha do Pulador e nenhum dos dois é formado em história ou em áreas ligadas às letras. Jabs Paim Bandeira é advogado e Paulo Monteiro é um intelectual público, como se intitula. Em entrevista ele contou sobre sua formação “A minha formação... eu sou, fundamentalmente um autodidata.” (relato oral) <sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida ao autor por Paulo Monteiro em 14 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

Monteiro ainda explicou como funciona para se tornar membro da academia.

É uma academia que para fazer parte dela tem de ser, necessariamente, natural, nascido em Passo Fundo ou residente com atividade em Passo Fundo. Há a possibilidade de escritores de outras cidades que são os membros correspondentes, mas a academia nunca implementou esse quadro de membros correspondentes.<sup>11</sup>

Tal identidade serve para se criar não apenas um discurso homogeneizador, mas também para criar a diferença.

Em primeiro lugar, identidade, memória e mito são atividades de produção, circulação e consumo de sentidos e valores. São basicamente atividades de ordem ideológica, canalizadas na formação e mobilização de autoimagem (e, em particular, no caso da identidade, também a imagem do outro). (MENESES, 1998, p. 50).

Ou seja, o passofundense é gaúcho, e todo gaúcho supostamente é bravo e corajoso, mas o de Passo Fundo em especial é inconformado, pois lutou contra um governo que considerava despótico e foi até o fim com muita honradez e sem perder o amor à pátria. Tal ideal conservador pode ser percebido na própria identidade que o MTG criou no Rio Grande do Sul. É a “nossa cultura”, são os “nossos valores”, os “nossos heróis”, sempre exaltando essa ideia de superioridade em relação ao outro (GRIJÓ, 2012).

Em vídeo da UPF TV, disponível no youtube, um espectador da encenação comentou sobre a sua emoção de assisti-la e o sentimento que está imbricado na representação da batalha.

Acredito que a encenação seja algo impossível de se narrar, uma vez que aqui suscita tanta energia, tanta emoção, que é só estando aqui, é só presenciando para conseguir sentir isso que nos caracteriza como gaúchos e que nos faz nos orgulhar da nossa história e do nosso estado. (UPF TV, 2012).

Essa identidade construída através do evento histórico do Pulador em Passo Fundo é muito forte, é como se eles tivessem vivido tal batalha. Além desse fator de se sentir parte da história do combate, o relato mostra o orgulho que traz àqueles que assistem e moram na cidade ao saber que um evento tão importante e de proporções nacionais aconteceu no local aonde mora.

Esse orgulho por se sentir como um “gaúcho guerreiro” é bastante parecido com o que ocorre na representação da revolução farroupilha, mas dessa vez com proporções supostamente maiores e mais sangue sendo derramado, dando um tom mais dramático e heroico ao evento e a essa representação do Pulador. Salientando sempre que o confronto

---

<sup>11</sup> Idem.

decisivo da revolução se deu em território passofundense, alçando a cidade a lugar de um grande acontecimento histórico.

## 2. 4 GUMERCINDO SARAIVA: HEROI E MITO

Outro ponto de consenso entre os que escrevem sobre o evento é a importância de Gumercindo Saraiva na revolução. Sua origem não é muito bem definida se brasileira ou uruguaia, o que se sabe é que foi importante em ambos os países em sua época (LOVE, 1975). Seu irmão, Aparício Saraiva, também lutou na revolução federalista e após a morte de Gumercindo assumiu o comando dos exércitos, porém não obteve o destaque do irmão.

Gumercindo era um estancieiro, mas também gostava de uma luta “A concepção de vida ideal de Gumercindo era criar gado e politicar, com uma boa luta de vez em quando, e incursões rápidas pelas coxilhas do Rio Grande e do Uruguai.” (LOVE, 1975, p. 68). Sua importância é muito reforçada pelos cavaleiros do Mercosul, tanto que coube a Jabs Paim Bandeira, idealizador do evento e tradicionalista referência no município, interpretá-lo na encenação da batalha. Existiram grandes nomes do exército revolucionário como Ângelo Dourado, médico e general, Aparício Saraiva, irmão de Gumercindo, Joca Tavares, general de uma das divisões e Prestes Guimarães, porém o nome do caudilho Saraiva é o mais destacado e lembrado. Existe toda uma mística em torno do seu nome, no seu poder de congregar homens para defender seus ideais.

Nas várias batalhas que tiveram sua figura sempre foi muito destacada, pois conseguiu fazer um grupo mal armado e pequeno frente aos exércitos republicanos se manter disposto a lutar pela causa revolucionária. O cerco da Lapa atravessando vários estados com esses homens fez dele uma grande e emblemática figura para a história da revolução, e, por conseguinte, da batalha do Pulador.

Dessa forma passou para os anais da história **a grande marcha de Gumercindo Saraiva** que atravessou os três Estados do Sul do Brasil, traduzindo-se numa **saga heroica** e numa **epopeia de sustentação dos ideais** da Revolução Federalista, transformando seu **protagonista** no **grande herói revolucionário** federalista chamado de “Napoleão dos Pampas”, cuja memória e imaginário são cultivados no decorrer dos tempos. (DA SILVA, 2013, p. 12, grifo nosso).

As palavras grifadas são para mostrar que até em textos de acadêmicos produzidos em Passo Fundo a memória de Gumercindo Saraiva está muito carregada desse sentimento de heroísmo. Adjetivos como “grande marcha”, “saga heroica” ou “epopeia de sustentação

dos ideais” trazem tal destaque a figura do general federalista. Quase que o elevando ao patamar de um grande herói.

O próprio jornal do PRR, A Federação, comemorou quando da sua derrota no Pulador na edição de 30 de junho de 1894, inclusive se referindo a ele como o dito “Napoleão” para os federalistas.

Gumercindo Saraiva, tão grande na opinião revolucionária que chegou a ser comparado aos de Napoleão I e suas marchas pelo Paraná a retirada dos dez mil, diminuiu até as proporções mesquinhas de um vencido, somente escapou da morte pela fuga.  
Quebrou-se o ídolo nas fronteiras do norte do Rio Grande do Sul. (MOACYR, 1894, p. 1).

Gumercindo é muito destacado pelos que escrevem sobre a revolução federalista. Não apenas os tradicionalistas e escritores passofundenses, mas também outros autores. Sandra Pesavento também deu destaque a sua atuação.

Os federalistas, tendo como comandante supremo o general “Joca” Tavares e como líder político Gaspar Silveira Martins, tiveram ainda nas suas hostes o destacado general maragato Gumercindo Saraiva. Típico gaúcho da fronteira, estancieiro abastado, com ligações econômicas e políticas no Uruguai, notabilizou-se nas campanhas militares contra os “pica-paus”, atuando com extrema mobilidade em ataques relâmpagos. (PESAVENTO, 1983, p. 89).

Para o escritor passofundense Paulo Monteiro, a morte de Gumercindo marcou o fim da revolução. A batalha do Pulador foi o que enfraqueceu os exércitos revolucionários, porém a morte de Saraiva terminou por enfraquecer o resto que havia sobrado, tendo apenas alguns focos isolados de confrontos na região de Passo Fundo (MONTEIRO, 2006). Jabs Paim Bandeira o descreveu em entrevista como um extraordinário estrategista. Inclusive, escreveu um poema com o título de “Revolução federalista de 1893-1894 – Batalha do Pulador – O guerreiro Gumercindo” que se encontra no livro escrito por ele “Batalha do Pulador: história e encenação”. Em um dos trechos que ele declamou durante a entrevista, Jabs exaltou a luta do caudilho pela liberdade e seus ditos “valores humanitários”.

Líder de 93 comandou com altivez o exército federalista  
Foi símbolo da conquista, rebelde e lutador.  
Mostrou seu valor  
Sem jamais baixar a crista.

Exemplo para os comandados, soldado por excelência.  
Lutava pelos gaúchos e por sua descendência  
Mostrando dignidade



Jamais cultivou a vaidade.<sup>12</sup>

O trecho declamado pelo escritor demonstra bem esse ideal de patriotismo, liberdade, luta pelos direitos, pela vida, etc. Apesar de sabermos que ele também comandou atos de degola e violência, Jabs Paim Bandeira, que o interpretou nas encenações da cidade, coloca em outro trecho do poema essa situação, atenuando tais ações de Gumercindo, como se ele tivesse cometido os atos por força das circunstâncias e não porque realmente quisesse fazer.

Nunca usou da maldade, mas cultivava o direito.  
Sacrificava o adversário para salvar muitas vidas  
Nessa maneira estremeçada,  
Degolava por necessidade

Assim, não praticava arbitrariedade.  
Nem tinha hábito de cometer  
Sempre cumprindo seu dever  
Amando a humanidade.<sup>13</sup>

Em ambos os trechos do poema declamado percebe-se que Gumercindo Saraiva não foi um simples soldado. A memória que se criou em torno dele é algo que vai além do que realmente aconteceu. Halbwachs explicou isso ao fazer a metáfora da criação da história dos santos.

Assim, um homem edificante, e que foi santificado após sua morte, se espantaria muito, se retornasse à vida, e pudesse ler sua legenda: esta foi composta, entretanto, com a ajuda de recordações preciosamente conservadas, e redigidas com fé, por aqueles com quem passou parte de sua vida. (HALBWACHS, 1990, p. 31).

Gumercindo foi santificado, de certo modo, por aqueles que o representam. Jabs Paim mesmo é um dos que fizeram isso, e todos os que entrevistei, inclusive Aido Rodrigues que interpreta um general pica-pau, tem o caudilho em uma alta conta. Todos falam com muita veemência da sua “bravura”, inteligência e “luta pelos ideais”. Seguindo a metáfora proposta por Halbwachs, Gumercindo se pudesse ver e ouvir tudo isso que escrevem e dizem a seu respeito poderia se espantar com tal representação sobre sua vida e seus atos.

Em todas as memórias construídas de batalhas e de guerras sempre existem os nomes destacados, como Bento Gonçalves e Giuseppe Garibaldi são lembrados pela revolução farroupilha. Os relatos de “grandes homens”, e seus “grandes feitos”, os chamados “vultos da história” sempre aparecem em algum momento. A revolução

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

<sup>13</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

federalista e a própria batalha do Pulador não são diferentes. Gumercindo Saraiva é para Passo Fundo e os escritores locais o grande nome desse confronto sem sombra de dúvida. Conhecer um pouco mais sobre a representação construída em torno desse personagem é entender mais sobre uma parte importante da memória referente a batalha do Pulador.

### **3 A HISTÓRIA E A QUESTÃO DO TURISMO**

Os estudos sobre a utilização da história no campo do turismo ainda são muito recentes. Não muitos historiadores tem se debruçado sobre esse tema. Me utilizarei de três autores que trabalham tal questão de uma maneira diferenciada entre si, mas acabam se complementando. Um deles é Garcia Canclini (1994) e para ele não podemos excluir o fato de que o turismo se utiliza da história.

Nos debates sobre o patrimônio histórico costuma-se ver como inimigos dos atuais processos de mudança o desenvolvimento urbano, a mercantilização, as indústrias culturais e o turismo. (...) consideraremos essas “ameaças” como contextos, que não só devemos aceitar por serem as condições em que hoje os bens históricos existem, mas também porque contribuem para repensar o que devemos entender por patrimônio histórico e por identidade nacional. (CANCLINI, 1994, p. 95).

O autor se refere a tais processos que ocorreram no México no período em que escreveu seu artigo. Nesse contexto muitos povos foram colocados à margem por conta da questão turística. No entanto, não devemos tratar com desdém a utilização de episódios locais ou objetos históricos pelo turismo e sim tentar aproveitar esse contexto que nos é imposto pela realidade capitalista para repensar novas formas de discutir com o público a história, na visão de Canclini. Existe uma apropriação da história pelo turismo que o historiador não pode evitar. Esse turismo ele não serve apenas para render lucro, mas também para formar na região uma identidade, segundo Canclini. Tal movimento pode ser percebido em várias regiões do Rio Grande do Sul.

Roswithia Weber estudou em sua tese a apropriação que as secretarias de cultura da região do vale do Sinos fizeram da história da imigração alemã (WEBER, 2006). Podemos perceber um movimento muito forte com relação ao enaltecimento do colono alemão que “desenvolveu” os municípios, o comércio, com “trabalho duro” e “muito esforço”, enfim, existe uma apropriação da história da imigração para dar sentido às comunidades locais. O projeto rota romântica é uma tentativa de “europeizar” as cidades pelas quais passa o trajeto. Gramado é um grande exemplo dessa construção.

Em São Leopoldo existe a São Leopoldo *Fest* e nas outras cidades da rota romântica as *Oktoberfests* são muito conhecidas e divulgadas. Existe todo um processo de ensino nas escolas com relação a reprodução da memória sobre a imigração e os imigrantes.

São textos que diferem um pouco entre si, pois no caso de Canclini, ele trabalha a questão da apropriação pelo turismo não sendo de todo prejudicial como muitos historiadores costumam colocar, segundo ele. Já Roswithia Weber trabalha com maior ênfase a ideia de parcelas da população que são marginalizadas nesse processo de representação. Weber traz um exemplo quanto às disputas pela hegemonia na representação, pois não existem apenas populações de origem europeia nos municípios da referida rota romântica. Tais cidades estão no Brasil e continuam existindo negros, indígenas, mestiços e outras etnias. O evento da semana da consciência negra fez isso na cidade de São Leopoldo.

O evento incomodou tanto na cidade, quanto na mídia local e regional – “isso nos incomodou”, conforme relatou Silveira. Conta ele que houve críticas diretas ao prefeito Ary Vanazzi com relação ao evento, por ele estar “estragando a cidade ao promover eventos desse tipo”. Ou seja, o evento foi entendido por alguns como objeto de depreciação da cidade, uma ameaça à imagem de São Leopoldo. (WEBER, 2006, p. 278-279).

Para os grupos hegemônicos de São Leopoldo a exposição da cultura de outras etnias e povos que lá habitam soa como ameaça. A cidade de Gramado também é quase que inventada, pois hoje ela é praticamente uma réplica de outras cidades alemãs, porém na sua origem existiam outros povos, assim ocorreu com Santa Maria do Herval, Novo Hamburgo, São Francisco de Paula e todos os municípios que constituem a rota romântica (WEBER, 2006).

Gosto de pensar como Canclini e com um pouco da visão de Roswithia Weber nesses aspectos. Pois com a visão de Weber podemos perceber que o povo passofundense acabou deixando outras pessoas de lado nas representações. Não é possível ver pessoas negras, indígenas e mulheres na batalha do Pulador. A representação é do gaúcho “macho”, “viril”, branco, cristão e “valente”, não existe espaço para outras vozes além dessas. As poucas mulheres que aparecem são como enfermeiras e socorristas – e se sabe que não existiam naquela época enfermeiras nos exércitos, mas a mulher está sempre mais ligada a ideia de cuidado. Ou seja, a invisibilização que aconteceu no processo da realização do projeto turístico rota romântica e que cria esse vínculo identitário na região, também aparece nas representações da batalha do Pulador. Tudo o que não faz parte disso é deixado

de lado, fica à margem, inclusive do processo turístico. As encenações da batalha do Pulador exaltam sempre a “virilidade”, a “garra”, a “luta” e a “destreza”, todas características associadas ao homem. Colocando essa visão mais conservadora do gaúcho com uma superioridade moral, étnica e até mesmo racial veladas (GRIJÓ, 2012, p. 72).

Difícilmente, para não dizer que nunca, associam-se tais características às mulheres. Com exceção de Anita Garibaldi não vemos outros nomes femininos ligados a combates no Rio Grande do Sul. Os negros mesmo lutaram na revolução federalista. O próprio Jabs Paim Bandeira que faz parte desse universo de representação excludente sabe que existia tal diversidade nas linhas de combate. “Que lá tinha polaco, italiano índio, gaúchos, uruguaios, enfim, eram diversas raças que compunham o exército do Gumercindo [...]” (relato oral)<sup>14</sup>.

O processo de escolha para uma atração turística é muito excludente. E, em ambos os casos, tanto na rota romântica quanto na representação e memória do Pulador, vemos que vários grupos sociais acabaram ficando à margem nesse processo de escolha.

Outro aspecto importante é não pensar no turismo como algo nocivo à história, como citei anteriormente. Canclini traz a ideia de trabalhar a partir da realidade que nos é colocada (CANCLINI, 1994). No entanto, creio que seja fundamental olhar para essa realidade de apropriação da memória histórica por parte do poder público, e, mais precisamente, do setor do turismo, e questionar, confrontar essa mesma memória que está posta. É olhar para qualquer evento histórico que é apropriado pelo turismo e fazer uma crítica. Não venho aqui pensando em “destruir” o que os Cavaleiros do Mercosul ou a secretaria de cultura do município de Passo Fundo fez e tratar como mentira, não se trata disso, mas de questionar as fontes, os processos, a própria representação que está sendo feita. Mostrar àqueles que estão ali assistindo que isso é um tipo de memória construída, não é a história como realmente ocorreu. Segundo Canclini.

(...) toda cultura é resultado de uma seleção e combinação, sempre renovadas, de suas fontes. Dito de outro modo: é produto de uma encenação, onde se elege e adapta o que se vai apresentar, de acordo com o que os receptores podem escutar, ver e compreender. As representações culturais, desde os relatos populares aos museus, nunca apresentam os fatos, nem cotidianos nem transcendentais: são sempre re-presentações, teatro, simulacro. (CANCLINI, 1994, p. 112).

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Outro autor que é importante de trabalhar e que explica a relação memória, turismo e identidade é Llorenç Prats. Em seu livro “Antropologia e patrimônio” (2004) o autor trabalha um aspecto que entendo ser fundamental no processo de apropriação de eventos históricos pelo turismo, a questão identitária. Não existe turismo pelo turismo. As comunidades locais que possuem atrações turísticas ou possuem eventos culturais de cunho histórico estão recebendo aquela memória e transformando em identidade. Ou seja, toda apropriação pelo turismo antes acaba se tornando uma apropriação identitária. “Estamos falando de ativações patrimoniais, promovidas pelo turismo, mas de ativações patrimoniais no final, e, portanto, se queremos ou não - de nós mesmos ou dos outros - representações de identidade.” (PRATS, 2004, p. 46, tradução nossa).

Esse turismo acaba se transformando em uma forma de se ver, a população local que possui tal turismo histórico o adota como a própria visão de si, tal qual uma memória coletiva (PRATS, 2004, p. 46).

Pensar turismo e história não se pode pensar separadamente. É necessário entender que memória, representação e identidade se misturam nesse processo.

### **3.1 O PULADOR E SUA UTILIZAÇÃO TURÍSTICA**

A questão do turismo é parte importante quando se fala no episódio histórico do Pulador e não se pode pensar nesse tema sem falar das encenações da batalha. Até porque ele faz parte da divulgação e consolidação dessa memória. O grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul junto com outras entidades do município de Passo Fundo decidiram iniciar esse trabalho de resgate histórico. Em entrevista que fiz a todos eles, unanimemente exaltaram a importância do episódio ocorrido no município e a falta de estudos que se tem sobre ele. Jabs Paim Bandeira, o idealizador dessa encenação, descreveu na entrevista sobre o processo de elaboração do projeto e seus objetivos.

Nós resolvemos juntamente com os cavaleiros do Mercosul, com a brigada militar, com a sétima região tradicionalista e a prefeitura municipal resgatar essa epopeia que aconteceu aqui no nosso município. Onde uma batalha de mais de seis horas, morreram mil cento e poucas pessoas.<sup>15</sup>

A encenação tinha como objetivo ser realizada todos os anos, fazendo na cidade uma espécie de “turismo receptivo”, segundo Jabs Paim relatou.

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Primeiro um resgate histórico e depois de consolidado esse resgate, faríamos uma vez por ano a encenação. Se transformaria num turismo receptivo, porque a encenação da batalha do Pulador é o maior espetáculo bélico a céu aberto encenado no Brasil. Não tem igual. Aqui em Osório eles fazem, mas é com pouca gente. Alguns aspectos, algumas revoluções que o exército tomou conta, mas a nossa batalha do Pulador é a maior encenação bélica a céu aberto do Brasil.<sup>16</sup>

Jabs Paim Bandeira contou que a ideia surgiu após assistirem a uma palestra na cidade vizinha de Carazinho sobre a revolução federalista. Então os Cavaleiros do Mercosul decidiram iniciar o projeto. Ele conta que ficou encantado quando soube e comprou várias obras falando sobre o Pulador e decidiu a partir daí escrever.

Me encantei com isso e resolvi então convidar meus companheiros lá dos Cavaleiros do Mercosul, a brigada militar, falei com o comando geral, pra nos ajudar e a sétima região e os gaúchos e gaúchas de toda a Passo Fundo e de cidades próximas e resolvemos, então, eu escrever sobre a batalha do Pulador, a encenação. Como ela foi uma batalha muito estática e lá num determinado lugar, nessa elevada lá e os outros atacando. Ficaria muito monótono para as pessoas assistirem. Então nós resolvemos fazer diferente, fazer uma batalha campal. Primeiro pequenas batalhas antes da maior e aí fizemos um exército atacando o outro. Colocamos, vamos dizer, 600 pessoas. Artistas amadores, né que não tinham conhecimento de encenações e também nós éramos neófitos desse assunto. Conseguimos e fizemos a primeira vez, depois duas mil pessoas foram assistir, outra foram vinte mil pessoas e tal.<sup>17</sup>

Segundo esse relato, as encenações não obedecem fielmente a história da batalha, pois o combate foi muito mais estratégico e com poucos movimentos desde o início. O que mais teve de confronto mesmo ocorreu do meio para o fim, depois de três horas de luta em diante. Desse modo os organizadores prepararam algo mais vibrante e participativo para poder atrair o público. Inclusive colocando um corpo de enfermeiras ao lado da encenação da batalha, e se sabe que não existiu esse corpo de enfermeiras nos combates, mas serve também para dar um aspecto mais dramático ao evento e tentar cativar aqueles que ali estão presenciando.

Figura 7 - corpo de enfermeiras da encenação.

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

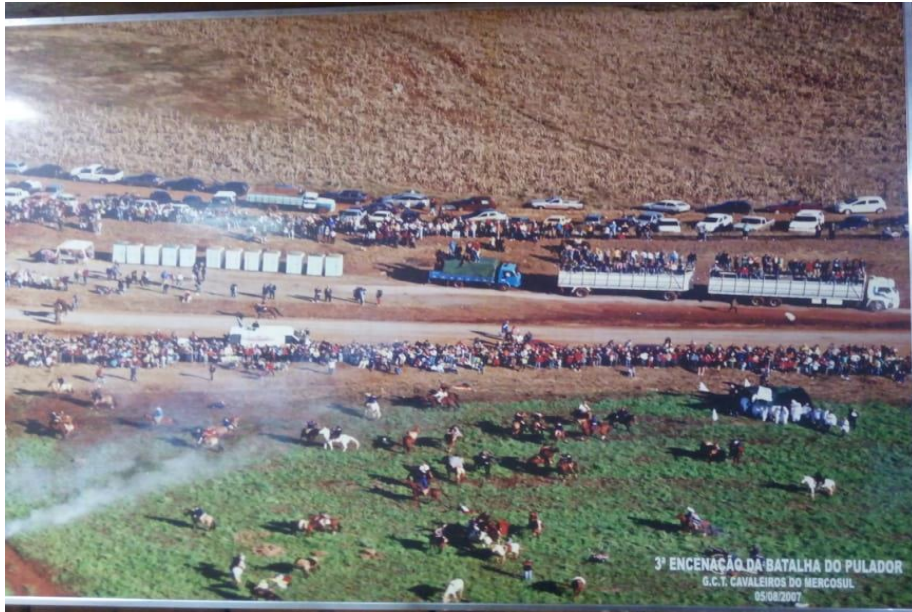


Site Portal21. Fonte: Portal21 (c2014). PORTAL21 Encenação da Batalha do Pulador emocionou presentes no domingo. Disponível em: < <http://portal21.com.br/noticias/encenacao-da-batalha-do-pulador-emocionou-presentes-no-domingo/>>. Acessado em 19 nov. 2018.

Na primeira edição tiveram cinco mil pessoas pelos relatos de Davis Souza e Jabs Paim Bandeira. Segundo dissertação de João Vicente Ribas os números conferem, pois constam até mais de cinco mil pessoas (RIBAS, 2007). Da mesma forma no trabalho de Ernani da Silva (2013). Infelizmente não consegui os dados precisos, pois nem a secretaria de turismo, de cultura nem os Cavaleiros do Mercosul tinham esses dados. A própria secretaria de cultura quando entrei em contato confirmou que não está mais apoiando financeiramente o projeto da encenação. O patrão do grupo Cavaleiros do Mercosul, Davis Souza, também confirma os números. “A primeira deu cinco mil, mas assim, sempre depois deu superior a cinco mil. Que nem essa aqui (aponta para o quadro exposto no galpão com a foto da terceira encenação da batalha) essa aqui ó, essa aqui deu dez mil pessoas.” (relato oral)<sup>18</sup>. O quadro ao qual ele se referiu era um bem grande que estava exposto no galpão, próximo da entrada, com a foto da encenação e do público com uma vista de cima. Essa foto é referente a terceira encenação da batalha realizada pelo grupo.

Figura 8 - Quadro comemorativo da terceira encenação da batalha do Pulador.

<sup>18</sup> Entrevista concedida ao autor por Davis Souza em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.



Fonte: Acervo dos Cavaleiros do Mercosul

Os Cavaleiros do Mercosul dão muita importância ao episódio do Pulador e a ideia deles com as encenações era poder criar na localidade a atração turística vinculada a rememoração do episódio. Não era criar o “turismo pelo turismo” e sim realizar uma atração turística com intenção de inculcar no público tal memória. Em ambas entrevistas os idealizadores das encenações ressaltaram essa importância de não se esquecer do que aconteceu ali.

A nossa ideia sempre foi assim, dar conhecimento para o pessoal que nós aqui não tivemos um “combatezinho” assim, não foi um combate, foi uma batalha. Quer dizer, que é uma coisa bem superior a um combate. Então, primeira coisa a gente queria dar ciência que nós tínhamos uma coisa rica aqui.<sup>19</sup>

Segundo esse relato de Davis Souza, os habitantes do município precisam saber que a batalha não apenas ocorreu ali, mas também que ela foi muito importante para o Brasil, pois para ele e para os outros entrevistados, se a batalha do Pulador tivesse sido ganha pelos maragatos, hoje nós teríamos uma república parlamentarista e federalista. A batalha do Pulador não é apenas uma história de mais uma entre tantas batalhas, e sim uma epopeia, segundo disse Jabs Paim Bandeira, que mudou os rumos políticos da história brasileira.

Um dos que encenam é Aido Vieira Rodrigues, e ele conta a importância do evento para a memória e o turismo da região.

---

<sup>19</sup> Idem.



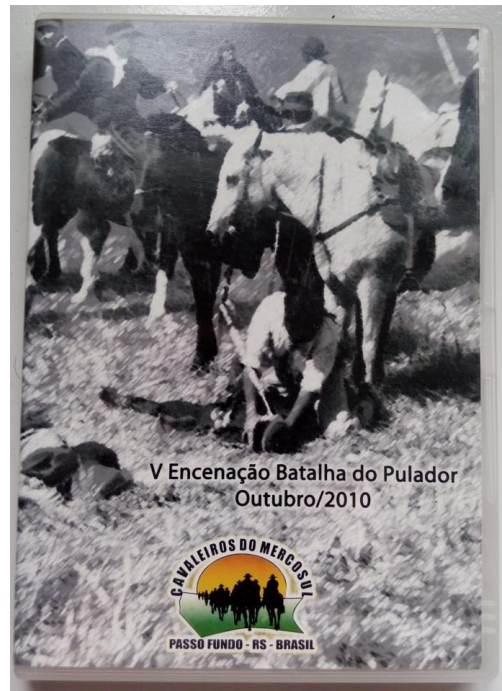
É, realmente o número de pessoas é grande. Teve uma época que a brigada militar partilhou conosco enviando homens, cavalos, oficiais, os coronéis e os comandantes da brigada. Então a coisa ficou mais (...) bem dizer a título de é essa quinta encenação aí. Se você tem a quinta encenação então tu vai ver. (...) não tem mais aquele DVD, foi feito só 200, foi vendido os 200 e não existe mais.<sup>20</sup>

O entrevistado é um ex-fuzileiro naval, integra o grupo dos Cavaleiros do Mercosul e nas encenações interpreta o coronel Lima das forças republicanas. Nessa entrevista acrescentou a confecção de DVD's que o grupo realizou para divulgar o trabalho. O material é constituído de dois cd's, um sendo o da encenação e o outro contendo extras e um pouco da história do Pulador.

Figura 9 - dvd da quinta encenação da batalha do Pulador

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.



Fonte: acervo Cavaleiros do Mercosul

Ademais, nesse trecho vale destacar o que Aido Rodrigues falou sobre a participação da brigada militar nas primeiras encenações com o empréstimo de cavalos e efetivo para a realização do evento. A própria secretaria de cultura apoiava os cavaleiros com aporte financeiro e na divulgação do evento, como pôde ser visto no cartaz da quinta encenação, porém, nos últimos anos as encenações não puderam mais ser realizadas com a mesma frequência e regularidade como nos primeiros anos por conta da política de contenção de gastos adotada pela prefeitura de Passo Fundo.

A média de público, segundo os realizadores do evento, não baixa de cinco mil espectadores, o que são números bem expressivos. E apesar de ser recente o projeto, apenas treze anos e ao longo desses anos apenas sete edições puderam realmente acontecer os números impressionam.

Nas edições que aconteceram existia todo um processo cerimonial e de confraternização daqueles que participavam das encenações, tanto os espectadores quanto os atores.

Quanto a essa questão de turismo, realmente é fantástico você ver no sábado o desfile saindo lá da prefeitura com as tropas que vão se apresentar, com aquele pessoal. Eles vem até aqui o trevo e daqui se dissipa e vão para o Pulador. Já montam acampamento, recebem a janta no sábado, no domingo de manhã recebem o café, ao meio-dia o almoço e as duas da tarde tem a encenação. Então, tu recebe pessoas de toda região norte do estado que vem com ônibus, que vem com comitiva, com caminhão e ficam lá, baseado lá (no campo do Pulador) e recebendo alimento

nosso. Tudo coisa que a gente tem que ter arrecadando com dificuldade. Pra poder fazer o quê, trazer à tona esse episódio que aconteceu nas nossas terras.<sup>21</sup>

A encenação não é tudo, existe uma confraternização, um ambiente de conagração entre todos para aproximar-se do público e fazê-lo criar empatia com o projeto. E muitas caravanas vão ao local de regiões próximas a Passo Fundo para prestigiar o evento, bem como pôde ser visto na imagem comemorativa da terceira encenação da batalha com um caminhão cheio de pessoas e mais outro ao lado (ver figura 8 na página 47). A ideia é fazer a população, o poder público e a comunidade passofundense e dos arredores abraçar essa ideia e ajudar a divulga-la.

A encenação da batalha é um ponto muito importante quando se pensa no turismo histórico de Passo Fundo. Porém, o referido evento não é o único que se utiliza da batalha do Pulador e consegue alavancar o turismo histórico na cidade. Um dos lugares que visitei na cidade foi o camping Tropeiro Camponez que fica em frente ao campo do Pulador, no qual ocorreu a batalha. Esse local funciona de terça a domingo e recebe escolas, empresas, vários grupos e pessoas comuns. A agenda é sempre cheia. Estive lá dia sete de agosto, e, conversando com o proprietário, ele me disse que daquele dia até dezembro não havia mais espaço na agenda para visitas ao camping.

Nessa visita que fiz o proprietário recebeu a todos na entrada e convidou para em seguida ir ao campo do Pulador contar a história da batalha. Quando chegamos ao local ele mostrou os marcos dos maragatos e dos pica-paus que estão lá e, depois disso, nos levou para a parte mais alta do local da batalha, mas do lado de fora, ou seja, não dentro do campo propriamente. Ele expôs a história, contou sobre os antecedentes, os heróis e os nomes conhecidos com muita ênfase em Gumercindo Saraiva, bem de acordo com a memória construída no município.

E lá também estava o Gumercindo Saraiva. O Gumercindo Saraiva era um maragato, descendente desses espanhóis, ele era uruguaio e a profissão dele era fazer guerra, ele era especialista em guerra, guerrilha. Então, aonde ele estava tinha guerra e aonde tinha guerra ele estava no meio. Aí não importava se fosse no Brasil, na Argentina, no Paraguai ele estava. Era um grupo muito grande de gente que acompanhava ele. [...] ele era briguento mesmo e era valente.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup>Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

<sup>22</sup>Fala de Leandro, proprietário do Tropeiro Camponez, durante a visita ao campo do Pulador em 07 de agosto de 2018 em Passo Fundo/RS.

A história contada pelo proprietário do camping não difere em nada daquela contada pelos escritores locais e encenada pelos Cavaleiros do Mercosul. Ela contém o elemento heroico, na figura de Gumercindo Saraiva, e dos ditos “valores” como a valentia, destacada por ele e atribuída ao general e a importância para o Brasil com o resultado da batalha.

Em meio ao relato contou que sua avó conheceu a mulher participante do resgate dos homens feridos no combate e como se deu os primeiros socorros e o enterro dos que iam morrendo ou já haviam morrido.

E até depois a minha vó conheceu ela bem... ela já era velha e ela contava pra minha vó que os que morreram na casa dela ela tinha jogado num poço que tinha atrás da casa. Poço artesiano pra se tirar água, aí jogou dentro tudo lá. Os que estavam no campo ela mandou juntar e jogar nas barrocas. Tinha muita valeta aqui no campo. Jogavam dentro dessas valetas e já colocavam terra em cima pra enterrar.<sup>23</sup>

Esse mesmo roteiro ele faz com as escolas mostrando os marcos e contando mais da história do episódio, sempre enfatizando a importância dessa batalha para a mudança nos rumos políticos do Brasil.

Após contar a história ele leva para o almoço e em seguida já faz um passeio pela chácara, contando sobre o local e um pouco mais do que era a época da revolução federalista. No site do camping aparecem mais informações sobre o roteiro do passeio que, obviamente, não fica só na história do Pulador, mas ela é uma parte importante.

---

<sup>23</sup> Fala de Leandro, proprietário do Tropeiro Camponez, durante a visita ao campo do Pulador em 07 de agosto de 2018 em Passo Fundo/RS.

Figura 10 - site do camping Tropeiro Camponez.



Fonte: Tropeiro Camponez (c2012).

TROPEIRO CAMPONEZ. Programação dos passeios. c2012. Disponível em:  
<<http://www.tropeirocamponez.com.br/site/passeios.php>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

(<http://www.tropeirocamponez.com.br/site/passeios.php>)

Além do passeio e da história contada, o proprietário do camping também possui exposto no galpão do local alguns objetos supostamente encontrados no campo do Pulador como armas, munições e outros equipamentos que, segundo ele, teriam sido utilizados pelos soldados na batalha.

Figura 11 - armas e equipamentos expostos no camping Tropeiro Camponez.



Fonte: acervo pessoal do autor.

A batalha do Pulador, portanto, tem um forte apelo turístico na cidade de Passo Fundo. Não apenas na questão das encenações e toda sua estrutura, com os números expressivos de participantes, mas também, como no caso desse camping próximo ao local do combate, criando uma memória sobre o combate. E, como foi citado anteriormente, toda essa representação contém um elemento bastante conservador (GRIJÓ, 2012) e muito ligado ao resgate e difusão dos ditos “valores” de “valentia” e “luta pelos ideais”.

## CONCLUSÃO

A batalha do Pulador no município de Passo Fundo é um tema bastante complexo de se entender para quem é de fora. Chegar na cidade e conversar com os idealizadores das encenações, atores, escritores locais, como no caso de Paulo Monteiro e até mesmo o proprietário do camping Tropeiro Camponez, foi muito importante para me inteirar dessa representação tão peculiar do episódio.

O apelo turístico, como foi colocado anteriormente, é bastante visível. A encenação conta com 600 atores, quatro canhões, centenas de cavalos, réplicas de armas, de espadas e roupas dos soldados. Na quinta encenação ainda existiu a produção de um DVD para divulgação do evento.

Jabs Paim Bandeira enfatizou por duas vezes durante a entrevista que é a maior encenação bélica a céu aberto do país, além de chamar a batalha de “epopeia” e de “joia histórica”. Aido Rodrigues falou em várias caravanas que vem da região norte do estado

para acompanhar com muitos ônibus trazendo essas pessoas que recebem pousada, algumas vão para o Tropeiro Camponez, outras ocupam hotéis e pousadas da cidade mesmo. Recebem alimentação, passam o dia no local da encenação e partilham de um momento de confraternização bastante intenso, confirmando aquilo que Jabs Paim chamou de “turismo receptivo”. Tentando inculcar nesses espectadores a memória que eles construíram em torno da batalha.

Apesar da falta de apoio do poder público, o grupo tradicionalista Cavaleiros do Mercosul, mantém as encenações e a expectativa de voltar a receber esse apoio, até para impulsionar o turismo na cidade. Como o patrão do grupo, Davis Souza, disse que o que tem lá é algo muito rico e a população precisa saber. Tal riqueza não no sentido histórico apenas, pode se dizer assim, mas, também, econômico. Tendo um potencial muito agregador ao turismo e a cultura do município. A pretensão do grupo é, através da memória sobre a batalha do Pulador gerar riquezas para Passo Fundo, divulgar o seu trabalho, e, se possível, levar a outros locais aonde ocorreram batalhas da revolução federalista a mesma ideia, conforme relatou o idealizador das encenações.

Eu pretendia iniciar aqui (em Passo Fundo), fazendo isso (a encenação) e ali também no Capão da mortandade aonde morreram 300 pessoas degoladas lá. Capão que fica lá perto de Frederico, fazer uma encenação e eles continuarem. E também na tomada de Bagé que houve também muita degola nessa tomada que iniciou ali praticamente a revolução. Iniciou ali em Bagé e então nós poderíamos iniciar essas encenações e faríamos assim nessas regiões, no Rio Grande, um turismo receptivo, mas daí não fomos bem lá em Bagé, aqui também em Capão da mortandade é um dos prefeitos que se reuniam pra fazer, não levaram em frente nosso projeto. E aí eu deixei.<sup>24</sup>

As encenações que são feitas pelos Cavaleiros do Mercosul são o carro-chefe, por assim dizer, do grupo tradicionalista. Segundo Aido Rodrigues, eles não fazem com interesses econômicos, pelo contrário, até gastam muito para a realização do projeto “A última encenação nós gastamos R\$ 60.000, 00 e precisava de R\$ 70.000, 00” (relato oral)<sup>25</sup>. O que eles fazem, segundo relato, é realmente por questão de amor a essa memória. “Nós somos todos amadores, mas a gente faz a coisa por amor, sabe, por amor.” (relato oral)<sup>26</sup>. Além do mais, o grupo, segundo Aido Rodrigues, comprou a ideia de Jabs Paim Bandeira e faz o maior esforço para continuar esse projeto, não sendo mais dele o projeto e sim de todos a partir de agora.

---

<sup>24</sup> Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

<sup>25</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

<sup>26</sup> Idem.

O Jabs é um idealista. Eu tenho a maior honra de servir, entrei cavaleiro estou há 14 anos no grupo dos Cavaleiros do Mercosul, mas de ver esse homem que faz a coisa por amor, por amor ao chão dele, sabe. As coisas, sabe, e com afinco. E nós compramos a bandeira dele e hoje estamos tocando em frente.<sup>27</sup>

Existe um ufanismo em todos eles ao contar sobre a encenação e tudo o que cerca essa memória. Todos possuem trabalho fora do grupo tradicionalista. Davis Souza é dono de uma transportadora importante na cidade e no estado, Jabs Paim Bandeira é um reconhecido advogado e Aido Rodrigues é um cabelereiro e ex-fuzileiro naval. Mas quando falamos com eles sobre o Pulador a emoção toma conta. Há uma identificação com o episódio histórico tão grande que eles são capazes de tirar do próprio bolso para continuar propagando essa memória como Aido Rodrigues relatou na entrevista.

Essa paixão que eles carregam em si quando se referem ao Pulador só confirma que existe uma relação muito próxima com o evento memorializado. Eles não querem encenar por encenar, mas sim construir uma memória a partir da batalha do Pulador, como já tem feito, e ensiná-la a comunidade passofundense e dos arredores. Eles se veem como parte dessa história e pretendem reproduzi-la.

O próprio camping visitado mostra que o turismo não se dá apenas com as encenações da batalha, mas também com o chamado turismo rural. Muitas escolas vão ao local, ouvem a história da revolução federalista e da batalha do Pulador, visitam os marcos maragatos e republicanos e conhecem (à distância) a propriedade que, segundo o dono do camping, recebeu os feridos no combate. Além, é claro, de poderem conhecer equipamentos supostamente utilizados no confronto que estão expostos no galpão do local.

Esses dois exemplos de utilização da história pelo turismo trabalham não apenas a questão econômica ou política. Servem para criar uma memória. Os Cavaleiros do Mercosul queriam fazer uma encenação não apenas para alavancar o turismo a partir desse episódio, mas sim criar uma relação da comunidade passofundense com a memória do Pulador. Fazê-la olhar para o município e ver que ali ocorreu um grande combate que decidiu os rumos da política nacional, não apenas uma revolução. Segundo Thiesse, inventar essa herança coletiva e ancestral para os habitantes de Passo Fundo, “O que constitui a nação é a transmissão, através das gerações, de uma herança coletiva e inalienável. A criação das identidades nacionais consistirá em inventariar este patrimônio comum, isto é, de fato, em inventá-lo.” (THIESSE, 2001, p. 8), para que eles olhem as

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.



encenações, o campo do Pulador, conheçam os que lutaram na revolução, leiam os livros produzidos e se reconheçam nesse passado e nessas pessoas que ali pisaram.

(...), há, sem dúvida, uma tendência imemorial, presente em todas as sociedades, de indagação sobre o passado. A busca pelo pai mítico e da gênese da identidade local é, pois, um elemento recorrente que parece responder a necessidades telúricas e ancestrais de toda comunidade. Quem somos e de onde viemos são perguntas que os povos se colocam e frente às quais alimentam expectativas. (PESAVENTO, 1993, p. 386).

A batalha do Pulador suscita na comunidade passofundense essa identidade. Traz dentro da história do conflito os heróis, os pais fundadores da cidade, basta ver nos nomes das ruas que remetem ao período, como no caso da família Annes (pica-pau) que tem um bairro com seu nome (vila Armando Annes), ruas com esse nome (Jerônimo Annes e Juvência Annes) e encontro da família realizado na cidade. O cemitério do povinho velho que possui o túmulo de outras famílias conhecidas, ou seja, existe todo um processo de memorialização do evento no município. A encenação da batalha serve para reforçar tal identificação do povo com o combate e seus participantes. Criando a memória referente ao episódio histórico. Para que, segundo Jabs Paim Bandeira disse, as pessoas saibam que ali na cidade em que moram aconteceu um evento histórico não apenas de proporções locais, mas nacionais. Pois, no entendimento de todos os ouvidos: Aido Rodrigues, Davis Souza, Jabs Paim Bandeira, Paulo Monteiro e o proprietário do camping Tropeiro Camponez, se essa batalha tivesse sido ganha pelos federalistas hoje não teríamos uma república presidencial e sim parlamentar, além de ter mais autonomia aos estados da federação.

Ali se nós (federalistas) ganhássemos essa batalha do Pulador, a república ia balançar, a república estava na mão. Nós (federalistas) íamos meter a mão em todo armamento em toda divisão do norte, a parte de alimento, a parte de remédio, daí sim eles cresceriam uma barbaridade.<sup>28</sup>

O próprio Paulo Monteiro em seu livro diz que todos os historiadores concordam que a batalha do Pulador foi o mais sangrento confronto da revolução e que ainda concordam que ali se decidiu os rumos da revolução (MONTEIRO, 2006, p. 65). E em todos os livros e textos acadêmicos não existe nenhuma referência a essa batalha nem a nenhuma outra como sendo “a” mais importante. Aliás, a revolução federalista não é contada por batalhas, mas pelas suas motivações, contexto da época e desfecho. Toda a importância que é dada ao episódio está dentro do campo da representação e não da história.

<sup>28</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

Analisando as fontes, como jornais da época e textos acadêmicos percebe-se que essa foi uma representação do evento histórico e não o que de fato ocorreu. A batalha do Pulador, como referido no início do trabalho, foi mais uma batalha entre tantas da revolução federalista e não a mais importante. Militarmente, financeiramente e politicamente não tinha como o exército maragato vencer a guerra e muito menos alcançar o objetivo maior que era derrubar o governador Júlio de Castilhos.

A batalha do Pulador para a cidade de Passo Fundo e sua apropriação pelo turismo não podem ser entendidas de maneira exclusivamente econômica ou política. O turismo deve ser entendido como uma forma de divulgar a memória do evento histórico, reforçar a identidade e fazer a comunidade passofundense se reconhecer nessa história. Essa reapresentação do passado (CHARTIER, 1990) e sua apropriação pelo turismo deve ser vista como uma ação de criar uma memória e tentar inculca-la nas pessoas da localidade. A representação e a formação da identidade através da memória do Pulador aparecem bem nítidas nas entrevistas dos Cavaleiros do Mercosul, Paulo Monteiro e na fala do proprietário do camping Tropeiro Camponez. Todos eles carregam uma forte ligação com tal identidade quando falam a respeito da batalha. Para os Cavaleiros do Mercosul falar do Pulador é algo que vai além de contar uma batalha, mas é falar sobre homens que lutaram por ideais. “Eles tinham um ideal na verdade, eles tinham ideais.” (relato oral)<sup>29</sup>. Para Paulo Monteiro tem uma ligação muito particular e até de família, pois, segundo o escritor, seu bisavô lutou na revolução federalista e isso fez com que ele começasse a estudar e a escrever sobre o evento.

Um dos meus bisavós, pai da minha avó paterna, João José da Silva, contava que participou da batalha do Pulador integrando as forças do Santos Filho. Ele dizia que incorporou em Cachoeira do Sul. Isso segundo a tradição relatada pelo meu pai e pelo meu avô paterno, pelo... pelo genro do meu bisavô de que ele incorporou como cabo. Contava detalhes sobre a batalha, sobre a matança de alguns dos integrantes das forças do Santos Filho que se esconderam nos matos do Pulador e que não estão nos laudos históricos, né. E todo esse fator me levou a estudar, além da preocupação com a história local, a história de Passo Fundo. E, descobri, de fato que ele incorporou lá como cabo, ele participou, fez toda a campanha. Está registrado no livro do Pedro Cavalheiro, se não me engano o nome dele, é “A campanha do general Santos Filho”, coronel Santos Filho, mais precisamente.<sup>30</sup>

Aido Rodrigues também acrescentou que o gaúcho é um lutador por natureza, e essa batalha foi apenas mais uma que teve de enfrentar “Sempre conosco! então já temos história. Os anais da história mostram que quando a gauchada se levanta eles mostram

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

<sup>30</sup> Entrevista concedida ao autor por Paulo Monteiro em 14 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

brio.” (relato oral)<sup>31</sup>. Outro aspecto importante nesse turismo histórico em Passo Fundo, a partir do Pulador, é que serve para enaltecer a figura do gaúcho como um todo. Não é o gaúcho passofundense apenas. Essa batalha sangrenta na luta pelos ideais era pelos gaúchos, pelo Brasil, tendo na cidade de Passo Fundo a batalha mais importante de toda a revolução, segundo a memória que se construiu em torno da batalha do Pulador. Aquela que “decidiu” o confronto. É uma forma de identificação com o evento histórico.

Tal qual o tradicionalismo gaúcho faz com seus “herois”, enaltecendo supostos atos de bravura, coragem e valentia o mesmo ocorre com a batalha do Pulador. A fala de Aido Rodrigues pode ser interpretada por esse viés de exaltação da memória desses “guerreiros” que sempre mostram “brio” quando necessário. Grijó explica a aceitação dessa história que faz uma espécie de “culto” aos grandes nomes e grandes feitos. “É corrente a aceitação tácita dessa história feita de “façanhas guerreiras”, “estripulias de destemidos”, “centauros dos pampas” e atos de “bravura e coragem” dos “grandes heróis militares”. (GRIJÓ, 2012, p. 72). A fala de Aido Rodrigues revela esse tipo de pensamento com relação a batalha do Pulador. Bem como as falas dos Cavaleiros do Mercosul ao longo do trabalho também mostram um certo ufanismo ao lembrar esses “grandes homens” e os “feitos memoráveis” por eles alcançados. Exaltam o povo gaúcho e passofundense que lutaram, e, segundo eles, ainda lutam pelos seus ideais. O grupo pretende fazer esse “resgate” da memória por entender ser fundamental trazer os valores que nela estão contidos e que, na sua visão, tem se perdido.

Nós somos um grupo de cavaleiros que nós temos um lema muito interessante: Cavaleiros do Mercosul, fazendo pátria à cavalo e **imortalizando o gaúcho no resgate da tradição**. Nós vamos fazer pátria à cavalo! **Nós vamos imortalizar o gaúcho no resgate da tradição**. (grifo nosso)<sup>32</sup>

Como Fez Paulo Monteiro no início do seu livro, dedicando-o aos seus familiares que lutaram, segundo ele, na revolução e foram “herois” que “não curvaram a espinha” perante os seus opressores.

Em memória de meus avôs José Mendes Monteiro e Álvaro Soares da Silva (Alvinho Duro), que me contaram histórias da história oficial, e de meus bisavôs Alexandre Mendes Monteiro, que perdeu sua estância para os poderosos de plantão, mas **não curvou sua espinha**, Joaquim Soares da Silva (Quincas Duro), veterano da revolução federalista, e João José da Silva, que sobreviveu à Batalha do Pulador preservando a memória de seus camaradas espingardeados depois do confronto. (MONTEIRO, 2006, p. 5, grifo nosso).

<sup>31</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

<sup>32</sup> Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 em Passo Fundo/RS.

Desse modo, relembrar a batalha não é fazer apologia à violência, segundo Aido Rodrigues “Nós não fazemos apologia à violência, longe disso. Se tiver confronto que haja confronto de ideias” (relato oral)<sup>33</sup>, mas resgatar esses valores que, na visão deles, tem se perdido (RIBAS, 2007). É preciso trazer à tona essa memória referente ao Pulador para que não se esqueçam os valores e o “orgulho” de ser gaúcho e passofundense.

A apropriação da batalha do Pulador pelo turismo, portanto, é uma forma de criação e divulgação da memória desse evento histórico e de cunho político bastante conservador (GRIJÓ, 2012). E, a partir de 1988, uma nova memória, sem mais ressentimentos, mas lembrando a batalha como referência de luta pelos “ideais” (DA SILVA, 2013). E nessa apropriação conceitos como a própria memória, a representação e a identidade estão muito presentes e se fazem perceber. Eles nunca estão isolados, desse modo. A memória cria a representação e a partir disso que se constrói a identidade. O turismo serve apenas para difundir tais conceitos.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. Das letras, 2008.

CANCLINI, Nestor G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. N. 23. 1994.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1993.

DA SILVA, Ernani. A grande jornada de Gumercindo Saraiva, o Napoleão dos Pampas, na Revolução Federalista de 1893. *Semina-Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, v. 12, n. 1, 2013.

\_\_\_\_\_, Ernani da et al. *As encenações da Batalha do Pulador: memórias e representações*. Passo Fundo, 2013.

DOURADO, Ângelo. *Voluntários do martírio: narrativa da revolução de 1893*. Ângelo Dourado. Ed. fac-similada de 1896/Apresentação da obra Sérgio da Costa Franco; coordenação Rodrigues Till; il. Mario Mattos. – Porto Alegre: Martins Livriero – Editor/1977.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Entre a barbárie e a civilização: os conflitos armados no período republicano. In: NEUMANN, Eduardo Santos; GRIJÓ, Luiz Alberto (org.). *O continente*

---

<sup>33</sup> Idem.

*em armas: uma história da guerra no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro, Apicuri, 2010, pp. 159-184.

\_\_\_\_\_. Um “conteúdo inferior”: a luta pela história regional do e no Rio Grande do Sul. In.: *História, regiões e fronteiras/organizadores: Ana Frega Novaes [et al.] – Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012, pp. 63-73.*

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España, 2002.

LOVE, Joseph. *O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930*. São Paulo, Perspectiva, 1975.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Mito e museus: reflexões preliminares. In: *Mitos e heróis: construção de imaginários / organizado por Loiva Otero Félix e Cláudio P. Elmir. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.*

MONTEIRO, Paulo. *Combates da revolução federalista em Passo Fundo/Paulo Monteiro. – Passo Fundo: Berthier, 2006.*

MÜLLER, Sérgio Carlos. *Narrativas identitárias: a construção da identidade do gaúcho em Passo Fundo-Rio Grande do Sul*. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 14, n. 2: 383-396, 1993.

\_\_\_\_\_. *A revolução federalista*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10: 200-212, 1992.

PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 2004.

RIBAS, João Vicente. *A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo*. PP UPF. 2007.

SILVA, Camila. *Do passado ao futuro: a escrita comemorativa do centenário farroupilha na imprensa porto-alegrense*. 2012.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15: 7-23, 2001/2002.

UPF TV. Reportagem – Batalha do Pulador. In: \_\_\_\_\_. *Canal UPF TV*, ago. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sXIfMYM7UBU>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

WEBER, Roswithia. *Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica*. Porto Alegre, UFRGS, 2006.

## FONTES

CASTILHOS, J. Ao Rio Grande do Sul. *Jornal A Federação*, ano VII, n. 261, p. 1, 13 nov. 1891.

PARA o registro do Rio Grande. *Jornal A Federação*, ano X, n. 30, p. 2, 6 de fev. 1893.

MOACYR, P. A derrota de Gumercindo. *Jornal A Federação*, ano XI, n. 150, p. 1, 30 de jun. 1894.

Disponíveis no Núcleo de Pesquisa de História da UFRGS no acervo de microfilmes *A Federação*.

## ENTREVISTAS

Entrevista concedida ao autor por Jabs Paim Bandeira em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Entrevista concedida ao autor por Davis Souza em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Entrevista concedida ao autor por Aido Vieira Rodrigues em 15 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Entrevista concedida ao autor por Paulo Monteiro em 14 de outubro de 2018 na cidade de Passo Fundo/RS.

Fala de Leandro, proprietário do Tropeiro Camponez, durante a visita ao campo do Pulador em 07 de agosto de 2018 em Passo Fundo/RS.

## IMAGENS

Cartaz de divulgação da encenação da batalha do Pulador de 2008. Acervo Cavaleiros do Mercosul.

DVD da quinta encenação da batalha do Pulador. Acervo Cavaleiros do Mercosul.

Quadro comemorativo da terceira encenação da batalha do Pulador. Acervo Cavaleiros do Mercosul.

Reportagem da encenação da batalha do Pulador emoldurada. Acervo pessoal de Aido Vieira Rodrigues.

Site da prefeitura de Passo Fundo informando sobre a história da batalha do Pulador. Fonte: Prefeitura de Passo Fundo (2017). SECRETARIA DE CULTURA. Batalha do Pulador – História e encenação. 2017. Disponível em: <<http://www.passofundo.rs.gov.br/secao.php?t=11&p=839> >. Acesso em: 8 nov. 2018.

Site do camping Tropeiro Camponez. Fonte: Tropeiro Camponez (c2012). TROPEIRO CAMPONEZ. Programação dos passeios. c2012. Disponível em: <<http://www.tropeirocamponez.com.br/site/passeios.php>>. Acesso em: 8 nov. 2018. (<http://www.tropeirocamponez.com.br/site/passeios.php>).

Site Portal21. Fonte: Portal21 (c2014). PORTAL21 Encenação da Batalha do Pulador emocionou presentes no domingo. Disponível em: <<http://portal21.com.br/noticias/encenacao-da-batalha-do-pulador-emocionou-presentes-no-domingo/>>. Acessado em 19 nov. 2018.